

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

ESTELA BIASOTTO

**MERCADO DE INVESTIMENTOS E CRIPTOATIVOS: UMA PESQUISA COM
OS ACADÊMICOS DE UMA FACULDADE PRIVADA DE CASCAVEL-PR**

**Cascavel – Paraná
2024**

ESTELA BIASOTTO

**MERCADO DE INVESTIMENTOS E CRIPTOATIVOS: UMA PESQUISA COM
OS ACADÊMICOS DE UMA FACULDADE PRIVADA DE CASCAVEL-PR**

Projeto de Pesquisa registrado na
Coordenação de Pesquisa e Extensão –
COOPEX como requisito parcial para
aprovação na Disciplina de TCC 1, do curso
de Ciências Contábeis do Centro
Universitário FAG.

**PROF.^a ORIENTADORA: CÁSSIA
GIROTTTO.**

Cascavel – Paraná

2024

1 INTRODUÇÃO

Investimento refere-se à alocação de capital ou outros recursos, com a expectativa de obter retornos futuros. Por exemplo, alguém pode comprar ações esperando que os ganhos futuros dessas ações compensem tanto o período em que o dinheiro ficou investido quanto o risco associado a essa aplicação (BODIE *et al*, 2014).

O mercado de capitais engloba as organizações e mecanismos financeiros que permitem a obtenção de fundos a longo prazo por parte de investidores e empresas. Seu principal propósito é facilitar o financiamento das operações econômicas por meio da emissão e transação de ativos financeiros, como ações e títulos de crédito. Os criptoativos surgiram revolucionando as transações de ativos financeiros (CAMARGOS *et. al*. 2006).

Os criptoativos são conceituados como ativos virtuais e são assegurados por técnicas de criptografia, existindo apenas em forma de registros eletrônicos, com suas transações realizadas e registradas em uma rede de computadores, como, por exemplo, o *Bitcoin* (COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS CVM, 2018).

Após o surgimento do *Bitcoin* em 2008, o mercado de moedas digitais se espalhou pelo mundo, sendo três as principais: as criptomoedas, *stablecoins* e as *Central Bank Digital Currency* ou Moeda Digital Emitida por Banco Central (CBDC). As criptomoedas são moedas digitais de rede privada descentralizada de computadores e são protegidas por criptografia. As *stablecoins* são unidades monetárias que emergiram como uma solução para um dos principais desafios encontrados pelas criptomoedas: a instabilidade nos valores de mercado (RAGAZZO, CATALDO, 2021).

Uma das características das *stablecoins* é oferecer estabilidade por meio de uma paridade 1 por 1 com ativos seguros, visando manter a estabilidade de valor. Já as moedas digitais emitidas pelos Bancos Centrais – conhecidas como CBDC – eram consideradas uma ideia pouco prática e de difícil implementação há poucos anos, mas este cenário mudou e as moedas CBDCs se popularizaram ao redor do mundo. Assim, investir em uma CBDC pode ser um bom negócio, mas cada investidor deve analisar seu perfil e expectativas na hora de decidir onde alocar seus ativos. No geral, a característica de uma CBDC é manter um valor equivalente à moeda fiduciária de seu país de origem, garantindo mais estabilidade (RAGAZZO, CATALDO, 2021).

Segundo Assaf Neto (2003), cada investidor, ao realizar uma análise racional das utilidades associadas às diferentes opções financeiras disponíveis, é capaz de elaborar uma hierarquia de preferências, que é um conceito fundamental para suas decisões em situações de risco. Quando confrontado com diversas possibilidades de investimento, o investidor seleciona, de acordo com sua hierarquia de preferências, a aplicação que melhor atende às suas expectativas em termos de risco e retorno (RAMBO, CARNEIRO, 2014).

Diversos formatos de investimentos estão disponíveis para os interessados em fazer seu dinheiro render. Ações, títulos de renda fixa, fundos de investimento e imóveis são apenas algumas das opções à disposição dos investidores. Cada formato apresenta suas próprias características e níveis de risco associados, oferecendo assim uma ampla gama de escolhas para atender às necessidades e objetivos de diferentes perfis de investidores. Em seu estudo, Chen, Lee e Shleifer (2018) exploraram a eficácia de diferentes estratégias de alocação de ativos, destacando a importância da diversificação e da seleção criteriosa dos ativos para otimizar retornos e mitigar riscos ao longo do tempo.

Pesquisadores como Lusardi e Mitchell (2011) ressaltam a importância da alfabetização financeira desde a infância até a vida adulta, sublinhando a urgência de iniciativas educativas que ensinem princípios financeiros fundamentais, incluindo planejamento financeiro, economia, investimento e administração de débitos. Esses

programas podem ajudar a melhorar a alfabetização financeira da população e capacitá-la a tomar decisões financeiras mais responsáveis ao longo da vida.

Assim, os estudos anteriores sobre o assunto estão aqui divididos nos seguintes segmentos tratados nesta pesquisa: o primeiro trabalho, realizado por Milan e Eid Júnior (2015), estuda o comportamento dos investidores brasileiros acerca da diversificação de seus investimentos, e em seu resultado é possível evidenciar que os investidores brasileiros estão alocando seus recursos, em média, em quatro tipos de ativos financeiros. Além disso, os investidores alocam cerca de 92% de seus investimentos em ativos de baixo risco. O estudo realizado por Brum e Rodrigues (2015), tem como objetivo buscar qual é o nível de conhecimento dos alunos de Ciências Contábeis e Administração da Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA) sobre o mercado financeiro, e teve como resultado que, de modo geral, os acadêmicos têm predisposição para investir tanto em renda fixa quanto em renda variável, mas possuem pouco conhecimento sobre o assunto. Em contrapartida, possuem anseio em aprender mais sobre o tema. O terceiro artigo, realizado por Costa (2021), busca identificar a influência da formação acadêmica em Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas no perfil de investimentos financeiros. Foi constatada, após as pesquisas, que a graduação gera um impacto positivo nos conhecimentos sobre investimentos, mas esses conhecimentos se mostram rasos, visto que 82,85% possuem conhecimento sobre renda variável, mas apenas 27,51% investem nesse modelo de investimento.

Desse modo, considerando o tema apresentado a respeito de investimentos e criptoativos, surge a lacuna do seguinte problema de pesquisa: **qual é o nível de conhecimento e conscientização dos acadêmicos de uma faculdade privada de Cascavel-PR sobre o mercado de investimentos e criptoativos?**

Dessa forma, o objetivo geral do trabalho é: analisar o nível de conhecimento e percepção sobre investimentos e criptoativos entre os acadêmicos de uma faculdade privada de Cascavel-PR.

A partir deste objetivo geral, estabelecem-se os objetivos específicos: a) avaliar o grau de familiaridade dos acadêmicos de uma faculdade privada de Cascavel-PR com os conceitos básicos de investimentos e criptoativos; b) analisar quais são os perfis investidores dos acadêmicos; c) investigar a percepção dos estudantes em relação aos riscos e oportunidades associados ao mercado de criptoativos, destacando suas preocupações e interesses específicos nesta área.

Portanto, um estudo sobre investimentos com estudantes universitários, especialmente no contexto de criptoativos, é justificável, pois pode contribuir significativamente para a compreensão e evolução do mercado financeiro e das criptomoedas, além de entender o comportamento de investimento dos acadêmicos. Destaca-se a responsabilidade com a segurança na coleta de dados, que será apresentada de maneira formal e ética neste trabalho. O diferencial desta pesquisa está na análise do conhecimento e percepção sobre investimentos e criptoativos entre universitários, oferecendo insights relevantes para entender o comportamento financeiro desse público. Sua importância para a sociedade está em fomentar a educação financeira, para as empresas em orientar o desenvolvimento de produtos alinhados às demandas dos jovens, e para a academia em enriquecer o campo de estudos sobre finanças e criptoeconomia, contribuindo com dados atuais e relevantes.

A estrutura deste artigo será dividida em cinco partes: em seguida desta introdução, inicia-se o referencial teórico, os procedimentos metodológicos, a base teórica e, por fim, as conclusões.

2 BASE TEÓRICA

2.1 INVESTIMENTOS

Investimento é a aplicação de recursos no presente com a previsão de alcançar retornos maiores no futuro (BODIE *et al.*, 2014). De acordo com Silva, Santos e Souza (2020), as aplicações financeiras proporcionam uma forma de potencializar seus recursos, ao invés de simplesmente mantê-los em uma conta bancária convencional. A diversidade de opções de investimento disponíveis, como ações, títulos, fundos mútuos, imóveis e criptomoedas, proporciona aos investidores uma variedade de estratégias para alcançar seus objetivos financeiros. Nessa situação, é crucial compreender os conceitos fundamentais das aplicações financeiras, como rentabilidade, volatilidade, disponibilidade para resgate e prazo de aplicação, a fim de tomar decisões embasadas e elaborar uma carteira de investimentos robusta e eficiente.

De acordo com Pereira, Lima e Oliveira (2019), os primeiros registros de atividades financeiras datam de milênios, quando as sociedades antigas utilizavam sistemas de trocas baseados no escambo para satisfazer suas necessidades.

Com o desenvolvimento do comércio e o surgimento de moedas, mencionado por Santos e Silva (2015), as pessoas começaram a acumular riqueza em diferentes formas de ativos, como ouro, prata e *commodities*. Ao longo do tempo, os mercados financeiros se tornaram mais sofisticados, com o surgimento de instituições financeiras, bolsas de valores e instrumentos de investimento mais complexos.

Um aspecto fundamental dos investimentos é a diversificação da carteira, conforme discutido por Silva, Santos e Oliveira (2023). Diversificar os investimentos significa distribuir o capital entre diferentes classes de ativos, como ações, títulos, imóveis, criptomoedas e *commodities*, a fim de reduzir o risco e aumentar as chances de retorno positivo. Segundo estudos de Lima e Pereira (2021), a diversificação permite aos investidores proteger seu portfólio contra flutuações negativas em um determinado mercado ou setor da economia. Além disso, como mencionado por Oliveira e Costa (2019), a diversificação pode melhorar o desempenho geral da carteira, já que diferentes ativos tendem a ter comportamentos distintos ao longo do tempo. Entretanto, é relevante salientar que a ampliação do portfólio não elimina completamente a exposição ao risco de investimento, conforme observado por Garcia, Oliveira e Santos (2020).

Como ressaltado por Lima e Pereira (2021), é importante lembrar que investir sempre envolve algum grau de risco e incerteza. Portanto, os investidores devem realizar uma análise cuidadosa, definir metas financeiras claras e manter-se atualizados sobre as condições do mercado. Por meio desse processo, eles podem tomar decisões embasadas e desenvolver uma carteira de investimentos robusta e eficiente, visando atingir seus objetivos financeiros de longo prazo.

No entanto, para uma verdadeira diversificação da carteira de investimentos, é essencial que o investidor se dedique a determinar seu perfil de investidor. Esse perfil reflete as categorias de ativos que melhor se adequam à sua visão de mundo e metas, considerando o horizonte de investimento, a disponibilidade de resgate e o potencial de retorno.

Para iniciar a atividade, é importante que a pessoa tenha conhecimento de alguns índices de mercado essenciais, como a Taxa Selic, o CDI e o IPCA, que serão detalhados a seguir.

2.2 TAXA SELIC, CERTIFICADO DE DEPÓSITO INTERBANCÁRIO (CDI) E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR (IPCA)

A taxa Selic é a taxa básica de juros da economia brasileira, servindo como referência para outras taxas, como as de empréstimos e investimentos. Ela é o principal instrumento do Banco Central para controlar a inflação, sendo determinada pelo Comitê de Política Monetária (Copom). A Selic representa a taxa média de juros das operações com títulos públicos de curto prazo e o Banco Central atua no mercado para mantê-la próxima da meta estabelecida (FARIAS *et al*, 2013).

A taxa Selic representa a taxa de juros que o Tesouro Nacional oferece em seus títulos de dívidas públicas. Esses títulos são concebidos para remunerar investimentos financeiros de prazo mais longo e incorporam um certo nível de risco e compensação pela facilidade de liquidez. Ao utilizar a taxa Selic como ferramenta de política monetária, por meio de transações de mercado aberto ("*overnight*" e compromissadas), o Banco Central acaba concedendo uma remuneração excessiva devido ao risco e à liquidez que o Tesouro Nacional oferece em seus títulos de prazo mais longo. Como emissor da moeda, o Banco Central não está sujeito a riscos e assegura a liquidez (NAKAMO, 2012).

O Certificado de Depósito Interbancário (CDI) desempenha um papel significativo no mercado entre bancos, pois reflete a taxa de juros praticada entre eles, sem intervenção direta do Banco Central. Assim, o CDI é um reflexo da dinâmica diária de oferta e demanda por capital entre as instituições financeiras, exercendo influência no comportamento do mercado e nas taxas de juros da economia como um todo (FABRIS, 2011).

Diariamente, no contexto do sistema financeiro nacional, ao encerrarem suas atividades, os bancos podem se deparar com duas situações distintas: ou registram uma saída de recursos maior do que a captação obtida, ou recebem mais recursos do que aplicaram. Para ajustar seus saldos, os bancos se voltam para o mercado interbancário de títulos, no qual são transacionados os CDI's, ou recorrem ao mercado de títulos públicos (RUBIK, COSTA, 2008).

O CDI (Certificado de Depósito Interbancário) é uma taxa de juros que funciona como referência para operações de empréstimos entre bancos. Esses empréstimos têm curto prazo, geralmente de um dia, e são essenciais para garantir o equilíbrio no sistema financeiro. A taxa do CDI é um importante indicador para diversas aplicações de renda fixa, como CDBs e fundos DI. Na prática, muitos investimentos têm seus rendimentos vinculados ao CDI, permitindo que os investidores acompanhem a *performance* do mercado interbancário (CAMPOS, 2019).

O IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) é o principal indicador de inflação no Brasil, apurado pelo IBGE. Ele mede a variação nos preços de uma cesta de bens e serviços consumidos por famílias com renda entre 1 e 40 salários-mínimos. Quando o IPCA aumenta, isso indica que, em média, os preços subiram, impactando o custo de vida. Esse índice é utilizado como referência para reajustes de salários, contratos de aluguel e alguns investimentos, refletindo a inflação acumulada no período (VILAÇA, 2015).

No Tesouro Nacional são comercializados títulos que são indexados ao IPCA e a SELIC. No ano de 2014, identificou-se a necessidade de alteração na nomenclatura dos títulos públicos. Com o objetivo de facilitar a compreensão das pessoas, os novos nomes fornecem informações sobre as características fundamentais de cada título. As denominações atuais incluem descrições sobre o tipo de retorno, o padrão de pagamento dos juros e o ano de vencimento. Por exemplo: "Tesouro IPCA + juros semestrais em

2020". No Quadro 1, será possível observar com mais clareza as diferenças entre SELIC e IPCA (PIMENTEL *et. al.*, 2015).

Quadro 1. SELIC vs. IPCA

IPCA	SELIC
Índice de preço do consumidor.	Taxa básica de juros.
Calculado pelo IBGE.	Definição pelo Copom.
Representação do custo de vida.	Instrumento de controle da inflação.

Fonte: Adaptado de Siqueira (2020).

No Brasil, certos investimentos estão vinculados a índices econômicos, como os Títulos do Tesouro Nacional. O Tesouro Selic, por exemplo, é conectado à Taxa Selic, oferecendo rendimentos que acompanham essa taxa básica de juros, tornando-se uma alternativa segura e altamente líquida. Por outro lado, o Tesouro IPCA, como indica seu nome, está relacionado ao IPCA, proporcionando uma rentabilidade que combina a variação da inflação com uma taxa de juros pré-estabelecida, garantindo a preservação do poder de compra do investidor ao longo do tempo. Essas características fazem desses títulos opções atrativas para diversos perfis de investidores, de acordo com suas necessidades e metas financeiras (SIQUEIRA, 2020).

O CDI (Certificado de Depósito Interbancário) é uma taxa de referência fundamental para o mercado financeiro brasileiro, servindo como base para diversos investimentos. Um exemplo desse tipo de investimento é o CDB (Certificado de Depósito Bancário). Os CDBs são títulos emitidos por instituições financeiras com o objetivo de captar recursos e seus rendimentos geralmente são expressos como uma porcentagem do CDI, como "110% do CDI". Assim, se a taxa CDI estiver em 5% ao ano, o retorno do CDB seria de 5,5% ao ano (CAMPOS, 2019).

2.3 PERFIL INVESTIDOR

Para aplicar recursos financeiros de forma eficiente, é preciso que o investidor esteja ciente de seu perfil ao direcionar dinheiro para ser investido, especialmente para avaliar os tipos de riscos aos quais está disposto a se expor. Por meio dessa análise, é viável identificar as opções de investimento mais adequadas, evitando assim possíveis decepções decorrentes de uma alocação inapropriada em relação ao perfil do investidor.

Nesse sentido, recomenda-se que o potencial investidor realize um teste para determinar seu perfil e identificar as melhores opções de investimento para suas características (RAMBO, 2014).

A avaliação do perfil do investidor comumente é classificada como conservador, moderado ou arrojado, sendo este último ocasionalmente subdividido em arrojado e agressivo. Algumas fontes apresentam variações de termos ou introduzem perfis adicionais. No entanto, todas destacam a presença de perfis com distintos graus de disposição ao risco, abrangendo desde aqueles mais inclinados a assumi-lo até os que demonstram aversão a qualquer forma de risco (RAMBO, 2014).

O perfil de um investidor conservador é identificado pela busca de estabilidade, apresenta uma reduzida disposição ao risco e, por conseguinte, busca manter a maior parte de seu capital em investimentos seguros (como renda fixa) e em ativos que possibilitem a retirada de recursos em um prazo breve (CARDOZO *et. al.*, 2019).

Conforme a avaliação realizada pela Caixa Econômica Federal (2014), esse perfil de investidor se sente reconfortado pela garantia de que, ao final de cada mês, seu investimento estará resguardado e sua tranquilidade preservada, mesmo diante de notícias desanimadoras sobre o cenário financeiro. A Tabela 1 apresenta uma sugestão de carteira de investimentos de um perfil conservador (XPI, 2014).

Tabela 1 - Carteira de investimentos do perfil conservador

Tipo de Investimento	Alocação da Carteira (%)
Fundos de Renda Fixa	30%
Ativos de Renda Fixa	45%
Fundos Multimercados	10%
Fundos de Ações	10%
Previdência Privada	5%
Total	100%

Fonte: adaptado de XPI, (2014).

Os investimentos mais presentes na carteira de um investidor de perfil conservador se diversificam em vários tipos de investimento, mas os que estão recebendo mais dinheiro dos investidores de perfil conservador são os investimentos com menos riscos de perda monetária (XPI, 2014).

Já o perfil de um investidor moderado tem como características principais valorizar a estabilidade, porém está disposto a aceitar certos riscos visando alcançar retornos mais expressivos em um horizonte de médio prazo. Por não ter a urgência de acesso imediato aos recursos, é capaz de alocar uma proporção maior de seus investimentos em ativos de renda variável, em comparação com o perfil anterior, e outra parcela em ativos de renda fixa. Na Tabela 2, está representado a diversidade da carteira de investimentos de um investidor de perfil moderado (CARDOZO, 2019):

Tabela 2 - Carteira de investimentos do perfil moderado

Tipo de Investimento	Alocação da Carteira (%)
Fundos de Renda Fixa	10%
Ativos de Renda Fixa	30%
Fundos Multimercados	15%
Fundos de Ações	30%
Previdência Privada	5%
Total	10%

Fonte: adaptado de XPI, (2014).

Observa-se que o perfil do investidor moderado compõe sua carteira com proporções de investimentos de alto e baixo risco de forma mais equilibrada do que os investidores de perfil conservador (XPI, 2014).

O perfil arrojado exibe uma gama diversificada de definições, podendo ser ocasionalmente descrito apenas como arrojado ou dividido em ousado e agressivo ou, até mesmo, moderado-agressivo e agressivo. O investidor que se enquadra no perfil arrojado busca maximizar seus ganhos e está preparado para assumir riscos adicionais. Na Tabela 3 será apresentado a composição da carteira de investimentos de um investidor do perfil arrojado (RAMBO, 2014):

Tabela 3 - Carteira de investimentos do perfil arrojado

Tipo de Investimento	Alocação da Carteira (%)
-----------------------------	---------------------------------

Ações e BM&F	40%
Ativos de Renda Fixa	20%
Fundos Multimercados	15%
Fundos Multimercado	10%
Fundos de Renda Fixa	10%
Previdência Privada	5%
Total	10%

Fonte: adaptado de XPI (2014).

Verifica-se que os investidores de perfil arrojado investem muito em aplicações de alto risco, podendo assim usufruir de maior rentabilidade, mas também correm mais riscos de perda monetária (XPI, 2014).

Independentemente do perfil de investidor, é comum observar que um portfólio bem equilibrado incluem opções de investimentos adequados a todos os tipos. Isso significa que todos os investidores têm tanto a renda fixa (como títulos, fundos de renda fixa e planos de previdência) quanto a renda variável (como ações, fundos imobiliários e fundos multimercados), embora em proporções diferentes conforme o perfil. Contudo, a formação de uma reserva financeira deve ser feita em renda fixa, servindo como base para quem deseja assumir riscos maiores na renda variável, já que esta não garante rentabilidade nem previsibilidade. (PAIVA, 2020).

A Tabela 4. Apresenta as principais diferenças entre os investimentos de renda fixa e renda variável.

Tabela 4. Renda fixa vs. Renda variável

RENDA FIXA	RENDA VARIÁVEL
Risco Baixo	Risco Elevado
Retorno previsível	Retorno imprevisível
Demanda pouco tempo de estudo	Demanda muito tempo de estudo
Menor potencial de retorno	Maior potencial de retorno
Indicado para conservadores	Indicado para investidores mais agressivos
Garantia do FGC (na maior parte dos casos)	Sem garantia nenhuma
Retorno medido pelo CDI	Retorno medido pelo IBOVESPA
Investimento simples, com poucas variáveis	Investimento complexo, com muitas variáveis

Fonte: Adaptado de Faria (2003).

Outra modalidade de investimento em renda variável que tem ganhado destaque nos últimos anos são os criptoativos, tema que será abordado na próxima seção.

2.4 RENDA FIXA

Renda fixa constitui um tipo de aplicação financeira em que o retorno ou a remuneração são estabelecidos no momento do investimento, usualmente baseados em índices predefinidos, como taxas de juros, índices de preços ou taxas de câmbio. Essa categoria proporciona maior previsibilidade aos investidores quanto aos ganhos esperados, embora possa sofrer variações, conforme as condições do mercado e as diretrizes econômicas vigentes. Em geral, investimentos de renda fixa são percebidos como mais seguros em comparação com opções de renda variável, como ações, devido à sua menor exposição à volatilidade (NETO, SANTOS, MELLO, 2019).

Dentre os tipos de investimentos em renda fixa, o Tesouro Direto trata-se de títulos de dívida governamental, que nada mais é quando o governo gasta mais do que arrecada, emite esses títulos de dívidas públicas, que são adquiridos por pessoas físicas por meio de uma corretora de investimentos. Ao comprar um Título do Tesouro, o investidor

emprestará dinheiro para o governo e em contrapartida, receberá os juros sobre o capital investido e é tributado do imposto de renda (IR) (BARROS *et. al.* 2019).

Conforme Perlin (2016), é uma modalidade de investimento que permite aplicações sem valor mínimo e de valor máximo de 2 milhões de reais por CPF ao mês, sendo possível escolher a modalidade prefixada ou pós-fixadas. Como principal característica, o Tesouro Direto é o único investimento garantido 100% pelo Tesouro Nacional.

O Certificado de Crédito Bancário (CDB), segundo Neto (2014), é uma obrigação futura adquirida junto a uma instituição financeira com prazo e rentabilidade conhecida, que utiliza o recurso investido e, ao final do contrato, o investidor receberá o montante.

A principal característica é ter liquidez diária, e a aplicação é garantida pelo Fundo Garantidor de Crédito (FGC), sendo considerado um investimento seguro se observado a idoneidade da instituição, a rentabilidade e o prazo do ativo. Porém, existe uma desvantagem citada por Balthazar *et al.* (2018), é um investimento tributado por meio do imposto de renda (IR).

Já as Letras de Crédito Imobiliário (LCI), de acordo com Ferreira (2017), nada mais é que um título emitido por instituições privadas com a característica principal do uso no setor imobiliário. As Letras de Crédito do Agronegócio (LCA), de acordo com Reis (2020), é um investimento de renda fixa, com prazo e rentabilidade preestabelecidas, sendo seu capital destinado ao setor do Agronegócio. As Letras de Crédito Imobiliário (LCI) e do Agronegócio (LCA) são tipos de investimentos de renda fixa que oferecem isenção de Imposto de Renda para pessoas físicas. Essa vantagem fiscal é concedida pelo governo como uma forma de incentivar o desenvolvimento de setores-chave da economia, como o mercado imobiliário e o agronegócio, atraindo mais investidores para essas áreas (DE OLIVEIRA MELO, 2023)

Os Debêntures, de acordo com Procianoy e Veisman (2000), são títulos emitidos por empresas. Normalmente, quem faz este tipo de investimento tem um perfil moderado e seguem a mesma lógica de um CDB ou LCI, porém, o investidor empresta dinheiro para uma companhia ao invés de emprestar dinheiro ao banco.

Segundo Filgueira (2006), as debêntures rendem juros fixos ou variáveis e toda sua característica é descrita na escritura ou normativa. O investidor escolhe se vai ficar até o final para ter o reembolso ou pode vender o título para outra pessoa ou converter algumas debêntures em ações. Esses investimentos, são aplicações de médio e longo prazo para sociedades anônimas e é de alto risco, a empresa pode não conseguir honrar o que foi estabelecido em contrato.

Independentemente do perfil do investidor, é essencial que a carteira de investimentos inclua tanto ativos de renda fixa quanto de renda variável. Com isso em mente, a próxima seção será dedicada a apresentar as características e os tipos de investimentos em renda fixa.

2.5 RENDA VARIÁVEL

Segundo Abreu (2012), investimentos em renda variável estão atrelados a eventos futuros, oferecendo potencial para lucros elevados, pois operações financeiras em ativos de bolsa de valores possuem possibilidade alta de retorno, o que diferencia em relação à renda fixa, a qual é menos suscetível à mudanças do mercado financeiro e apresenta menos retorno. Desse modo, a renda variável apresenta riscos substanciais de perda. São considerados instrumentos de renda variável aqueles cujos rendimentos não são fixos ou previsíveis, pois dependem de acontecimentos que ocorrerão posteriormente. O exemplo mais comum desse tipo de investimento são as ações.

Faria (2003) destaca que títulos de renda variável compreendem ações de empresas tanto nacionais quanto multinacionais, além de debêntures que podem ser convertidos em ações.

No âmbito do mercado financeiro, existem alternativas de aplicação em renda fixa e renda variável. Na modalidade de renda fixa, os recursos são alocados, por exemplo, na poupança, LCI, LCA, entre outros, os quais estão respaldados pelo Fundo Garantidor de Crédito. Por outro lado, na categoria de renda variável, os investimentos são direcionados a outros ativos da bolsa de valores, sem a certeza de um valor específico ao término do mês, o que implica que o investidor pode tanto auferir lucros quanto incorrer em prejuízos (CRIST, 2023).

O retorno financeiro está diretamente relacionado ao risco, uma vez que os ganhos estão vinculados à disposição e ao grau de risco assumido pelo investidor. Além disso, a rentabilidade também é influenciada pelo custo de manutenção, já que os bancos e as corretoras de investimentos cobram taxas pela administração dos recursos. Outro aspecto a ser ponderado pelo investidor é a liquidez, que corresponde ao período em que o investidor pode se desfazer do investimento, seja por necessidade ou para vendê-lo em um momento mais favorável em termos de valorização (ROGERS *et. al.* 2008).

Segundo Bodevan, Sodré e Ferreira (2015), as ações são partes do capital social de uma empresa. Quando a empresa emite uma ação e o investidor decide comprá-la, ele se torna um parceiro ou sócio da organização.

O mercado de ações é regulamentado pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM). As operações são negociadas na bolsa de valores, no Brasil representada pela B3. Quando uma empresa de capital aberto decide expandir seus negócios e captar recursos, algumas das formas de aplicar em ações podem ser pelos fundos, fundos multimercados ou fundos de ações.

Fundos multimercados são espécies de investimento com recursos que possuem uma gama de estratégias e ativos diversificados para a aplicação de investimento. Essas aplicações encontram-se em renda fixa, ações, moedas e derivativos do mercado financeiro. Desse modo, ao diversificar o capital aplicado, o potencial de retorno é elevado e mais seguro. Esse tipo de ação permite que as posições sejam ajustadas conforme o mercado financeiro se ajusta, apresentando os perfis de risco que vão do moderado ao agressivo. Esses fundos são administrados por gestores que possuem especialização, os quais buscam explorar diferentes oportunidades e suas indicações são para investidores que assumem riscos maiores com o objetivo de um retorno mais elevado. (SCHUTT, 2016).

Fundos de ações são investimentos que aplicam a maior parte de seus recursos em ações de empresas negociadas na bolsa de valores. Esses fundos permitem que investidores tenham exposição ao mercado de ações sem precisar comprar diretamente os papéis individuais, pois um gestor profissional seleciona e administra a carteira de ativos. Os fundos de ações podem seguir diferentes estratégias, como investir em empresas de um setor específico, em ações de alta ou baixa capitalização, ou em índices de mercado, e são indicados para investidores que buscam maiores retornos, mas estão dispostos a assumir um nível de risco mais elevado (NERASTI, 2016).

Depois de compreender os diferentes tipos de investimentos em renda fixa variável, é fundamental definir o perfil do investidor, pois ele será o guia para determinar a proporção de cada tipo de ativo na composição da carteira. A seguir, serão apresentados os perfis de investidores, junto com sugestões de carteiras recomendadas para cada um desses perfis.

2.6 CRIPTOATIVOS

Os criptoativos emergiram como uma categoria singular de ativos financeiros que desafiam os paradigmas tradicionais do sistema financeiro. Os criptoativos, representados, principalmente, pelo *Bitcoin* e outras criptomoedas, são ativos digitais que utilizam criptografia e tecnologia de *blockchain* para garantir segurança e descentralização em transações financeiras (TRINDADE, VIEIRA, 2020).

Criptoativos já foram denominados de “moedas digitais”, exatamente por serem sua vertente monetária, um ativo digital, desmaterializado e descentralizado. No entanto, entende-se que criptoativos são, sim, veículos de investimento, muitas vezes especulativos, dado seu potencial de volatilidade. No Quadro 2, verificam-se as diferenças entre criptoativos e moedas digitais (ALMEIDA, 2024):

Quadro 2. Criptoativos vs. Moedas digitais

CRIPTOATIVOS	MOEDAS DIGITAIS
Veículos de investimento.	Podem ser criptomoedas ou CBDCs.
Só existem em veículos digitais.	Seu valor não está atrelado ao papel moeda.
Ex.: Criptomoedas, <i>Stablecoins</i> , NFTs,	Podem ser descentralizadas, ou emitidas por bancos centrais.
	Ex: <i>Bitcoin</i> , <i>Ethereum</i> , <i>Ripple</i> .

Fonte: Adaptado de Ragazzo e Cataldo (2021).

É possível perceber que todas as moedas digitais são criptoativos, mas nem todos os criptoativos são necessariamente moedas digitais.

O *Bitcoin*, referência mundial quando a questão é criptoativo, foi criado por um pseudônimo conhecido como Satoshi Nakamoto em 2009, sendo a primeira criptomoeda a utilizar a tecnologia *blockchain*, como mencionado por Ferreira, Lima e Silva (2019). O *blockchain* é um registro distribuído e imutável que permite o registro seguro de transações em uma rede descentralizada de computadores. Além do *Bitcoin*, outras criptomoedas como *Ethereum* e *Ripple* também utilizam a tecnologia *blockchain* para viabilizar transações rápidas e seguras. No entanto, é importante ressaltar que o *blockchain* não está limitado apenas às criptomoedas. Conforme destacado por Costa, Oliveira e Santos (2020), a tecnologia *blockchain* é explorada em diversos setores, como logística, saúde e votação eletrônica, devido à sua capacidade de garantir integridade e segurança em registros digitais. Dessa forma, os criptoativos e o *blockchain* estão transformando não apenas o sistema financeiro, mas também diversos outros aspectos da sociedade, promovendo transparência, eficiência e descentralização.

Os criptoativos, especialmente aqueles projetados para simplificar operações financeiras, como é o exemplo do *Bitcoin*, não estão sujeitos à emissão, controle, garantia ou regulamentação por parte de qualquer entidade monetária. Isso significa que eles funcionam em um contexto completamente separado das moedas soberanas, como por exemplo o dólar ou o real. Portanto, não há obrigatoriedade na aceitação desses ativos virtuais como forma de pagamento. Além disso, a considerável volatilidade dos preços dos criptoativos sugere que eles não são adequados para desempenhar duas das três funções típicas de uma moeda oficial: servir como unidade de conta e preservar valor, sendo apenas considerados adequados como meio de troca (CVM, 2018).

Essa volatilidade pode representar tanto oportunidades quanto riscos para os investidores, tornando o mercado de criptoativos altamente especulativo. No entanto, apesar das incertezas e desafios associados aos criptoativos, seu potencial para inovação e abalo no sistema financeiro tem atraído crescente interesse e investimento por parte de indivíduos e instituições em todo o mundo (TRINDADE, VIEIRA, 2020).

Os criptoativos estão sujeitos a uma série de riscos adicionais, incluindo a falta de regulamentação em muitas jurisdições, o potencial de uso em atividades ilegais, a vulnerabilidade a ataques cibernéticos e a falta de proteção aos investidores em caso de falha de uma plataforma de negociação ou carteira digital. Assim, os investidores precisam estar conscientes dessas ameaças e implementar medidas apropriadas de gestão de riscos ao ponderar investir em criptoativos (TRINDADE, VIEIRA, 2020).

2.7 BLOCKCHAIN

Questões como o vazamento de informações por parte dos prestadores de serviços financeiros demandam o desenvolvimento de novos modelos de segurança. Uma das tecnologias recentemente emergentes, que apresenta um grande potencial para atender a essa necessidade, é o *blockchain* (FERREIRA, PINTO, DOS SANTOS, 2017).

Satoshi Nakamoto (criador do *Bitcoin*) introduziu o *blockchain* como um mecanismo para assegurar irretratabilidade, auditabilidade e imutabilidade com a finalidade de garantir a segurança das transações eletrônicas. Essa inovação é reconhecida como a principal contribuição do *Bitcoin*, proporcionando um método para alcançar o consenso entre participantes que não são necessariamente confiáveis. Em contraste com o modelo tradicional, em que instituições como bancos ou cartórios são responsáveis pela manutenção e segurança dos registros de transações, atuando como terceiros de confiança, o sistema desenvolvido por Nakamoto elimina a necessidade dessas entidades. No modelo proposto, todos os registros são públicos e mantidos de forma descentralizada por diversos participantes da rede (CHICARINO *et al.*, 2017).

O *blockchain* é uma tecnologia de registro distribuído que tem como objetivo estabelecer um banco de dados seguro e imutável para transações digitais e é composto por uma sequência de blocos de informações. Cada bloco inclui um registro de transações validadas e está vinculado ao bloco anterior, formando uma cadeia contínua. A descentralização e a criptografia asseguram a proteção e a transparência das transações, dispensando a necessidade de intermediários (COSTA, BORGES, 2024).

Opera como um livro-razão, mas de forma pública, compartilhada e universal, estabelecendo consenso e confiança na comunicação direta entre duas partes, sem a necessidade de intermediários. A cadeia está em constante expansão à medida que novos blocos completos são incorporados por meio de registros adicionais. Além disso, a tecnologia de cadeia de blocos pode ser aplicada em áreas como cadeias de suprimento, contratos inteligentes, gerenciamento de identidade digital, entre outras aplicações (PILKINGTON, 2016).

Uma vantagem significativa do *blockchain* é que ele representa uma nova forma de tecnologia da informação descentralizada, com aplicabilidade que vai além da criptomoeda e dos ativos financeiros. A sua natureza descentralizada configura o *blockchain* como uma tecnologia voltada para a igualdade, capaz de ampliar a liberdade, as possibilidades, a atualização, a expressão, a criatividade e a realização para todas as entidades, tanto humanas quanto máquinas, ao redor do mundo (SWAN, 2015).

2.8 CENTRAL BANK DIGITAL CURRENCY (CBDC)

A pandemia de covid-19 foi um dos influenciadores do desenvolvimento tecnológico em todo o globo, as transferências por plataformas digitais tornaram-se cada vez mais populares, assim como o enfraquecimento do uso de moedas e cartões físicos (BARROSO, 2022).

Em vista disso, o *Central Bank Digital Currency*, ou Moeda Digital Emitida por Banco Central (CBDC), foi de fato obrigada a existir, e as discussões sobre uma possível emissão de uma moeda digital pelo Banco Central do Brasil (BCB) começaram em 2020, que foi batizada recentemente de DREX. Esta moeda não tem intenção de substituir o Real físico, mas sim implementar o sistema econômico digital brasileiro (BARROSO, 2023; FREITAS, 2023).

No entanto, a implementação de métodos de pagamento digitais levanta questões significativas relacionadas ao direito à privacidade. Esse direito é essencial para garantir as interações sociais, promover a dignidade humana e possibilitar a diversidade no estilo de vida, embora não seja absoluto em contextos em que os direitos fundamentais possam entrar em conflito. A implementação de uma CBDC pode trazer alguns riscos e vantagens (CUNHA, 2022).

Considerando as vantagens e riscos associados, é importante entender as razões que levam os bancos centrais (BCs) a adotar moedas digitais soberanas, bem como explorar as diversas características e propriedades oferecidas pela tecnologia digital na elaboração de uma Moeda Digital de Banco Central (CBDC). Segundo o Fundo Monetário Internacional (2022), a definição do design de cada CBDC é uma prerrogativa de cada país, que deve considerar suas necessidades e peculiaridades. Até o momento, não há um modelo universalmente aceito ou considerado correto (BARROSO, 2022).

Em síntese, as Moedas Digitais de Banco Central (CBDCs) possuem a capacidade de revolucionar o sistema de pagamentos global, oferecendo transações mais ágeis, econômicas e inclusivas. Elas podem exercer um papel fundamental na promoção da inclusão financeira e na diminuição da desbancarização, embora também apresentem desafios consideráveis que requerem uma gestão atenta. A complexidade desses aspectos ressalta que o contínuo desenvolvimento e investigação nessa área podem assegurar uma implementação segura e eficiente das CBDCs no futuro (FREITAS, 2023).

Discussões sobre uma possível emissão de uma moeda digital pelo Banco Central do Brasil, conhecida como CBDC, começaram em 2020, que foi batizada em 2024 de DREX. Esta moeda não tem intenção de substituir o Real físico, mas sim implementar o sistema econômico digital brasileiro (BARROSO, 2023; FREITAS, 2023).

2.9 DREX

Após o surgimento do *Bitcoin* em 2008, o mercado de moedas digitais se espalhou pelo mundo, sendo elas 3 as principais: as criptomoedas, *stablecoins* e as CBDCs. Neste trabalho, será abordado principalmente o surgimento das CBDCs. Há uma certa confusão

entre os conceitos de *Bitcoin* e *stablecoins*. No Quadro 3, apresenta-se essas diferenças (RAGAZZO, CATALDO, 2021):

Quadro 3. *Bitcoin vs. Stablecoin*

BITCOIN	STABLECOIN
É uma criptomoeda descentralizada.	É uma categoria de criptomoedas descentralizadas.
Tem alto índice de volatilidade de preços.	Foram criadas como forma de solução para a volatilidade de preços do <i>Bitcoin</i> .
Não é atrelado a nenhuma moeda fiduciária.	São atreladas a moedas fiduciárias para manter a estabilidade de preços.
Ex: <i>Bitcoin</i> , <i>Ethereum</i> , <i>Ripple</i> .	Ex: <i>DAI</i> , <i>Binance USD</i> , <i>TrueUSD</i> .

Fonte: Adaptado de Ragazzo e Cataldo (2021).

O Quadro 3 apresenta as principais diferenças entre o *Bitcoin* e as *stablecoins*, destacando as informações de que a criação das *stablecoins* deram início após a criação do *Bitcoin*, como uma forma de solucionar o problema de alta volatilidade de preços desta criptomoeda. A Figura 2 também destaca as principais *stablecoins* existentes, sendo elas: *Dai*, *Binance USD* e *TrueUSD* (RAGAZZO, CATALDO, 2021).

Observando o cenário mundial, em 2021, por volta de 110 países demonstraram interesse e estavam em processo de análise de implantação de moedas digitais ou já implantando projetos de moedas CBDC (BARROSO, 2023).

Em um *Workshop* de lançamento do Piloto RD, que é o projeto piloto do DREX, o Banco Central revelou que, no momento, o Brasil não possuía a capacidade de tokenização de ativos, ou seja, não possuía capacidade de transformar um ativo em uma representação digital, o que gerou o interesse em desenvolver o Projeto RD, por receio de ficar para trás em relação a um mercado crescente com grande potencial econômico. A versão final do DREX tem estimativas de ser lançada no final de 2024 (BARROSO, 2023).

O DREX utiliza o modelo de Tecnologia de Registros Distribuídos (conhecido como DLT), que é uma forma de banco de dados digital em que as informações são criptografadas e propagadas pelas pessoas que formam uma rede descentralizada. É um tipo de registro de livro contábil, e várias cópias desse livro ficam armazenadas em vários computadores diferentes, sendo assim qualquer alteração realizada será facilmente percebida ao comparar as cópias (RAGAZZO, CATALDO, 2021).

A criação de uma CBDC tem dois campos principais de atuação: atacado e varejo. As CBDCs de atacado têm um público bem diferente comparado ao varejo, na qual ela é utilizada estritamente por instituições financeiras. Seu objetivo é realizar atividades como

a liquidação de pagamentos em grandes volumes entre instituições. Já as CBDCs por varejo são universais, enquanto a por atacado é restrita às instituições financeiras (RAGAZZO, CATALDO, 2021).

A DREX tem perspectiva de potenciais efeitos na eficiência do mercado de pagamentos a varejo, aumentando a inclusão de pessoas indevidamente atendidas pelos bancos convencionais, fazendo com que as transações e pagamentos tornem-se mais simples, economizando tempo do cidadão (LIMA, FERNANDES, 2022).

2.10 ESTUDOS ANTERIORES

Como é possível observar no Quadro 4, estão apresentados os objetivos e resultados de estudos anteriores em que foram abordados o tema de educação financeira.

Quadro 4. Tabela de Estudos Anteriores:

Autor	Objetivos	Resultados
Ferreira (2017).	Este artigo busca apresentar argumentos e estabelecer conexões entre os indicadores de bem-estar e os conhecimentos e práticas relacionados à educação financeira individual.	Pode-se inferir que existe, de fato, uma relação entre as estratégias de educação financeira individual e o bem-estar, com a primeira atuando como um meio ou instrumento para alcançar o segundo, dentro do contexto do sistema econômico em que estamos inseridos, o capitalismo.
Oliveri (2013).	O propósito deste artigo é ponderar sobre algumas teorias relevantes no crescente campo do mercado denominado Educação Financeira, explorando conceitos de Educação e Finanças, assim como o modo como são aplicados nas instituições de ensino na atualidade.	As considerações apresentadas não apenas promovem uma conscientização sobre a relevância do assunto, mas também incentivam uma reflexão sobre a trajetória atual. A Educação Financeira vai além do simples registro de despesas; ela é parte integrante de um modo de vida, é viver de forma equilibrada.
Lucci, Zerrenner, Verrone e Santos (2006).	O questionamento central desta pesquisa está ligado à eficácia das decisões financeiras dos indivíduos e se a falta de conhecimento seria a causa por trás das escolhas subótimas. O estudo foi conduzido com estudantes matriculados nos cursos de Administração e Ciências Contábeis da graduação.	É possível validar, conforme antecipado, que o grau de conhecimento impacta a excelência das escolhas financeiras feitas pelos indivíduos. Observa-se que as respostas estão em consonância com os princípios; isto é, de maneira geral, os participantes não apenas compreendem os conceitos básicos, mas também os empregam de forma adequada.
Vieria, Bataglia e Sereia (2011).	O objetivo deste estudo é investigar se a instrução em educação financeira adquirida durante os cursos universitários impacta os comportamentos de consumo, poupança e investimento dos indivíduos.	Quanto ao propósito principal da investigação, verifica-se que a formação acadêmica desempenha um papel na melhoria das escolhas de consumo, investimento e poupança dos indivíduos. No entanto, há outras fontes de

		conhecimento que também são significativas, como a vivência prática e a influência familiar, as quais devem ser mais exploradas em estudos futuros.
Andrade e Lucena (2018).	Este estudo buscou examinar a conexão entre o grau de alfabetização financeira de diversos grupos universitários com as particularidades individuais e as atitudes financeiras desses estudantes.	Como resultado da pesquisa, foi constatado que a maioria dos alunos possui um nível de conhecimento financeiro que varia de baixo a moderado.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Com vista nos resultados dos estudos anteriores, podemos observar que a educação financeira no Brasil está defasada. Quando é aplicada, o indivíduo observa uma melhora significativa em suas finanças pessoais, melhorando assim a qualidade de vida.

3 METODOLOGIA

O objetivo adotado neste trabalho é o descritivo pois busca observar, registrar e analisar as características, conhecimentos e percepções dos acadêmicos sobre investimentos e criptoativos, sem interferir ou modificar os fenômenos estudados. Segundo os autores Moreira e Calfe (2006), um estudo de caráter descritivo é uma análise de situação amplamente empregada na educação e nas ciências do comportamento. Sua relevância reside na suposição de que questões podem ser solucionadas e métodos aprimorados por meio da observação precisa e imparcial, da análise detalhada e da exposição minuciosa.

A abordagem do problema de pesquisa é a quantitativa porque utiliza dados numéricos para medir e analisar o nível de conhecimento e percepção dos acadêmicos sobre investimentos e criptoativos. Na perspectiva quantitativa, o foco está na investigação, por meio da análise individualizada dos elementos, ao passo que a qualitativa se concentra em captar o sentido de uma vivência dos envolvidos, em um contexto determinado, assim como a maneira como os elementos se integram para constituir a totalidade (WAINER, 2007).

Para a coleta dos dados, foi adaptado um questionário com base no autor Costa (2023). O questionário foi aplicado aos acadêmicos de uma universidade privada em Cascavel-PR, com sua aplicação ocorrendo no mês de agosto de 2024. Com base nas respostas desse questionário, os dados serão tratados e as hipóteses deste artigo analisadas.

Foi solicitado à instituição os dados de quantidade de alunos que cursam ciências contábeis e administração no período noturno de uma faculdade privada de Cascavel-PR. Os dados da população serão apresentados no Quadro 5:

Quadro 5. População da Amostra

Curso	Período	Nº de Discentes
Administração	1º	35
	3º	36
	5º	25
	7º	24
Ciências Contábeis	1º	27

	3º	25
	5º	35
	7º	23
Total		230

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Com base no total de alunos, foi calculada a população amostral necessária para responder o questionário da pesquisa. Para realizar a amostra, utilizou-se a fórmula utilizada descrita por Priebe (2018):

Cálculo 1:

$$N = \left(\frac{z^{\alpha/2}}{e_0} \right)^2 p (1-p)$$

Quando usamos a fórmula e levamos em conta os 230 alunos da população, descobrimos que seriam necessários 124 participantes na amostra para garantir uma margem de erro de 5% e um nível de confiança de 95%.

As análises serão conduzidas utilizando o *software* Excel. Foram calculadas estatísticas descritivas, como médias. Essas ferramentas serão essenciais para examinar os dados coletados e explorar as relações entre as variáveis de interesse de forma detalhada e abrangente.

Com relação aos procedimentos, foi feita a divulgação do questionário por meio de um *QR Code*, presencialmente, indo nas salas de todos os períodos noturnos dos cursos de ciências contábeis e administração, com autorização do professor que estava ministrando a aula no momento, para solicitar que os alunos respondessem ao questionário.

De acordo com o Quadro 6, o constructo da pesquisa mostra que o questionário foi estruturado da seguinte forma:

Quadro 6. Constructo da pesquisa

Análise	Variável	Subvariável	Autoria	Responde o objetivo
Perfil do respondente	Identificação do perfil do respondente	Questões de 1.1 a 1.6	Costa (2023).	
	Comportamento financeiro	Questões de 1.7 a 1.10		a) avaliar o grau de familiaridade dos acadêmicos de uma faculdade privada de Cascavel-PR com os conceitos básicos de investimentos e criptoativos; b) analisar quais são os perfis investidores dos acadêmicos;

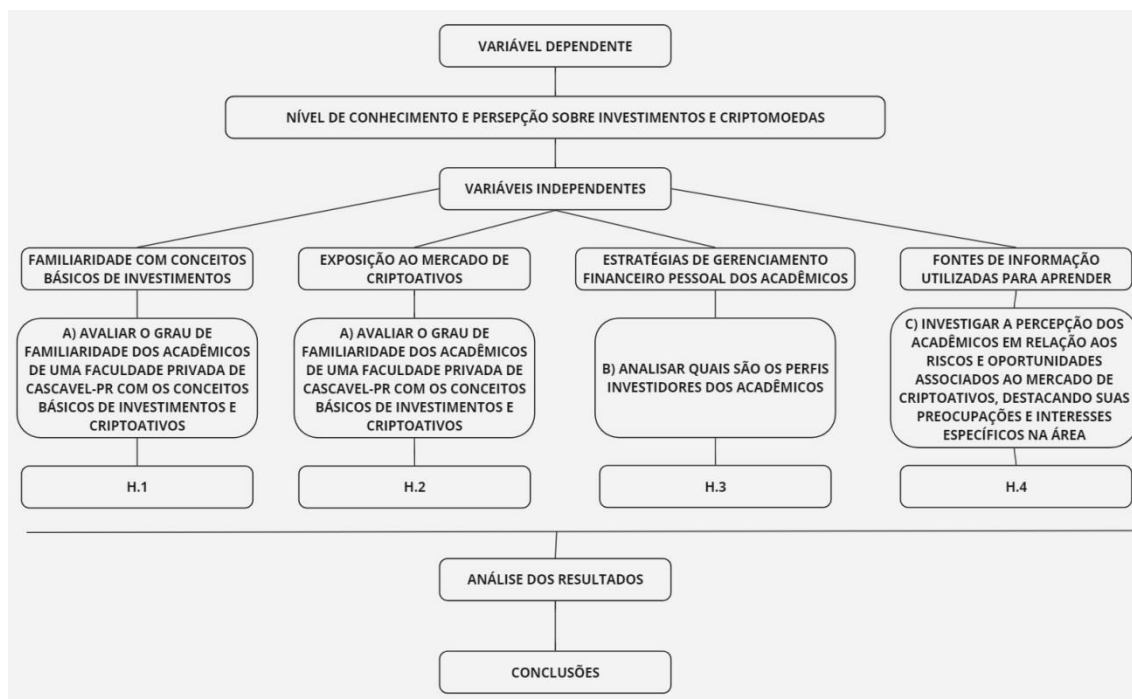
Conceitos Básicos de investimentos e criptomoedas	Experiência com investimentos	Questões de 2.1 a 2.6	Costa (2023).	a) avaliar o grau de familiaridade dos acadêmicos de uma faculdade privada de Cascavel-PR com os conceitos básicos de investimentos e criptoativos
	Conhecimento sobre investimentos e criptoativos	Questões de 2.7 a 2.13		
Perfil do Investidor	Renda fixa ou variável	Questões de 3.1 a 3.3	Costa (2023).	b) analisar quais são os perfis investidores dos acadêmicos;
	Caracterização do perfil do investidor	Questões de 3.4 a 3.7		
Riscos do mercado de criptoativos	Percepção de volatilidade do mercado	Questões de 4.1 a 4.2	Costa (2023).	c) investigar a percepção dos estudantes em relação aos riscos e oportunidades associados ao mercado de criptoativos, destacando suas preocupações e interesses específicos nesta área.
	Segurança do investimento em criptomoedas	Questões de 4.3 a 4.7		

Fonte: elaborado pela autora (2024).

O constructo da pesquisa foi elaborado com questões de múltipla escolha, com resposta única, e com questões de escala *Likert*, com 5 pontos, separadas em 4 objetos de análise necessários para responder aos objetivos desta pesquisa.

A Figura 1 apresenta o problema norteador do trabalho e em seguida serão descritas as hipóteses desse problema norteador.

Figura 1. Problema norteador



Fonte: elaborado pela autora (2024).

A partir da Figura 1 é possível observar quatro hipóteses de problema norteador, sendo elas:

Hipótese 1: os acadêmicos do curso de Ciências Contábeis e Administração tem conhecimento raso sobre investimentos financeiros e criptoativos.

Hipótese 2: a exposição frequente ao mercado de criptoativos está associada a uma maior volatilidade nos padrões de investimento, refletindo uma tendência de buscar retornos de curto prazo, em vez de estratégias de investimento a longo prazo mais estáveis.

Hipótese 3: o uso predominante de fontes de informação baseadas em dados quantitativos e análises fundamentais, em vez de influências de mídias sociais e opiniões de indivíduos não especializados, está correlacionado com decisões de investimento mais fundamentadas e consistentes em mercados financeiros.

Hipótese 4: os acadêmicos que utilizam plataformas de cursos *on-line* especializadas em finanças e criptomoedas como fonte primária de aprendizado têm um nível significativamente mais alto de conhecimento técnico e prático sobre criptoativos, em comparação com aqueles que dependem principalmente de fóruns de discussão e redes sociais.

A próxima seção dedica-se a apresentar os resultados obtidos por meio da coleta de dados, visando responder à pergunta norteadora da pesquisa.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste tópico, serão apresentados e discutidos os dados obtidos a partir da pesquisa *survey*. As análises foram realizadas com base no objetivo geral: analisar o nível de conhecimento e percepção sobre investimentos e criptoativos entre os acadêmicos de uma faculdade privada de Cascavel-PR.

4.1 Perfil do Respondente

O perfil do respondente refere-se ao conjunto de características demográficas, sociais e comportamentais que descrevem os participantes dessa pesquisa, como, por exemplo, a idade, o gênero e o estado civil. Como pode-se observar no Quadro 7, a análise foi realizada de forma quantitativa, utilizando a análise por frequência.

Quadro 7. Perfil do Respondente

Perfil do Respondente	
Gênero	Percentual
Feminino	51%
Masculino	49%
Total	100%
Idade	Percentual
17 a 20 anos	52%
20 a 30 anos	37%
Mais de 30 anos	11%
Total	100%
Estado Civil	Percentual
Casado	19%
Solteiro	80%
Viúvo	1%
Total	100%
Curso de Graduação	Percentual
Administração	52%
Ciências Contábeis	48%
Total	100%
Período de Graduação	Percentual
1º ou 2º	42%
3º ou 4º	30%
5º ou 6º	18%
7º em diante	9%
Não responderam	1%
Total	100%
Trabalho	Percentual
Estagiando na área	16%
Profissional Autônomo	10%
Trabalhando (Carteira Assinada)	54%
Nenhuma das opções	19%
Vazio	1%
Total	100%
Renda Líquida Mensal	Percentual
Até R\$ 1.000,00	13%
De R\$ 1.001,00 até R\$ 1.640,00	23%
De R\$ 1.641,00 até R\$ 3.280,00	45%
De R\$ 3.281,00 até R\$ 6.650,00	16%

Mais de R\$ 6.651,00	3%
Vazio	1%
Total	100%
Endividamento	Percentual
De até R\$ 1.000,00	26%
De R\$ 1.001,00 até R\$ 5.000,00	36%
Mais de R\$ 5.001,00	16%
Não possuo dívidas	22%
Total	100%
Planejamento Financeiro	Percentual
Sim, mensalmente	64%
Sim, anualmente	16%
Não	20%
Total	100%

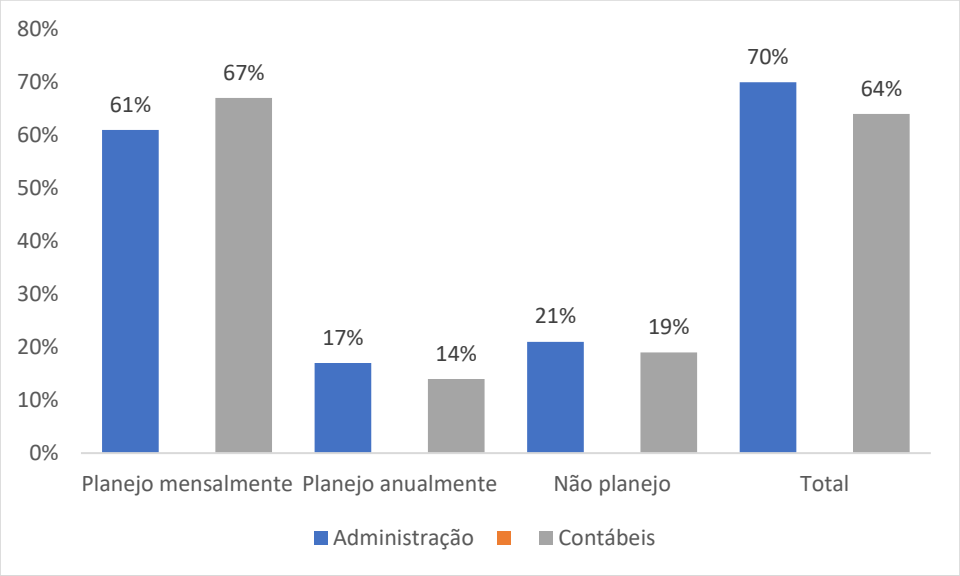
Fonte: dados da pesquisa (2024).

O total da amostra foi de 134 discentes, maior do que o mínimo necessário de 124 participantes, dos quais 51% são mulheres e 49% são homens. A maioria dos respondentes cursam administração, totalizando 52%. Entre os respondentes, foi observado que 80% são solteiros e 64% planejam-se financeiramente de forma mensal. Com relação ao trabalho, 54% trabalham de carteira assinada e 45% recebem até R\$ 3.280,00, sendo também observável que 36% dos respondentes estão endividados em até R\$ 5.000,00.

Os dados mostram um grupo de estudantes com aspectos positivos, como 64% que se planejam financeiramente e 54% com carteira assinada, além de uma renda ligeiramente acima da média nacional. Contudo, o endividamento de 36% até R\$ 5.000,00 destaca uma vulnerabilidade financeira. Esses resultados sugerem a necessidade de fortalecer a educação financeira, ajudando-os a gerir dívidas e explorar investimentos para melhorar sua estabilidade econômica e potencial de crescimento.

Na figura 2 é apresentado os dados de quem faz planejamento financeiro dos respondentes:

Figura 2: Quem faz planejamento financeiro

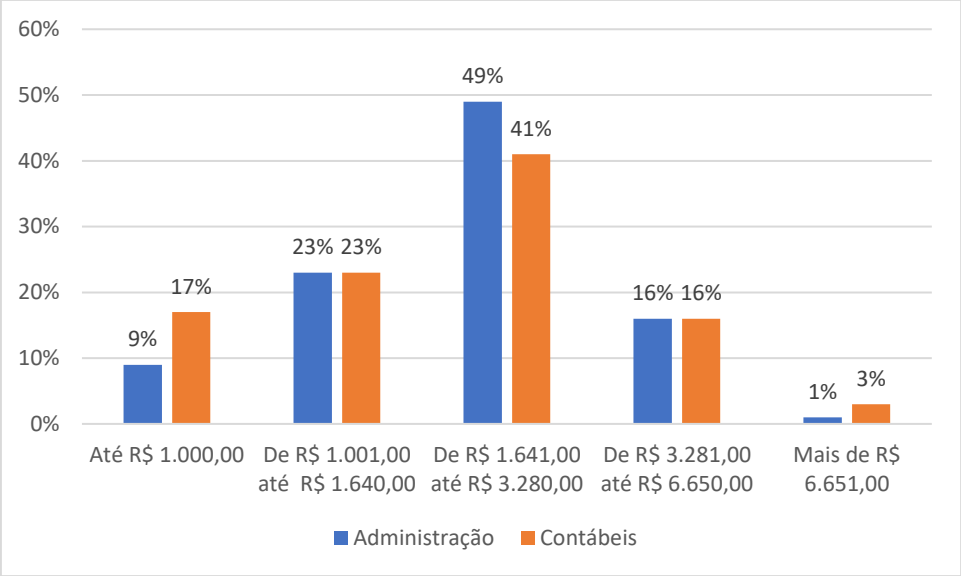


Fonte: Dados da pesquisa (2024).

O planejamento financeiro é fundamental para assegurar a segurança econômica e a conquista de objetivos a longo prazo. Ele ajuda tanto indivíduos quanto empresas a estruturarem suas finanças, gerenciarem gastos e aprimorarem seus investimentos. Com um bom planejamento é possível evitar endividamentos e facilitar a concretização de sonhos, como adquirir uma casa ou planejar a aposentadoria, segundo Piccini (2014). Entretanto, 21% dos estudantes de Administração e 19% dos estudantes de Ciências Contábeis não tem nenhum tipo de planejamento financeiro, o que reflete diretamente em suas finanças, aumentando o índice de endividamento.

Figura 3 apresenta a distribuição da renda entre os participantes. Com esta análise, observam-se diferentes faixas de renda e como elas podem influenciar o comportamento e as decisões financeiras relacionadas a investimentos.

Figura 3: Renda Mensal

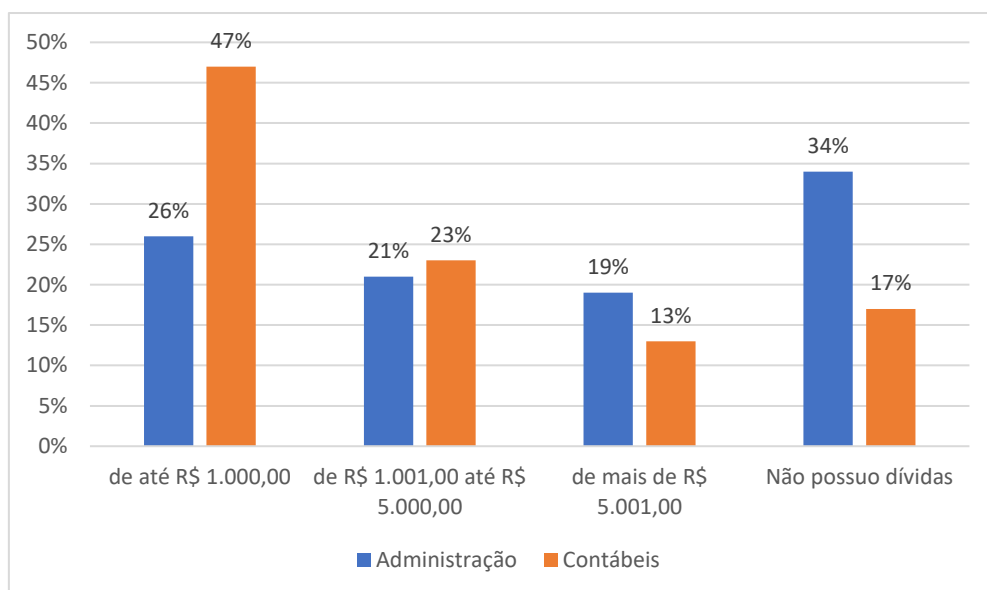


Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Observa-se que a maior parte dos respondentes de ambas as áreas se concentra na faixa de renda entre R\$ 1.641,00 e R\$ 3.280,00, representa 49% dos acadêmicos de administração e 41% de Ciências Contábeis. Segundo dados mais recentes do IBGE (2023), a média de renda domiciliar per capita no Brasil está em torno de R\$ 1.625,00. Isso significa que a faixa de renda predominante dos respondentes está ligeiramente acima da média per capita nacional. Portanto, os dados podem ser considerados bons, pois indicam que os estudantes dessas áreas têm uma condição econômica acima da média nacional (BARROS, 2006).

Endividamento é a condição em que um indivíduo, empresa ou governo adquire compromissos financeiros a serem quitados posteriormente. Esse processo geralmente envolve a obtenção de recursos por meio de empréstimos, financiamentos ou outras modalidades de crédito, visando suprir a falta de capital imediato (BARROS, 2006). Na figura 4, verifica-se o índice de endividamento dos respondentes:

Figura 4: Endividamento



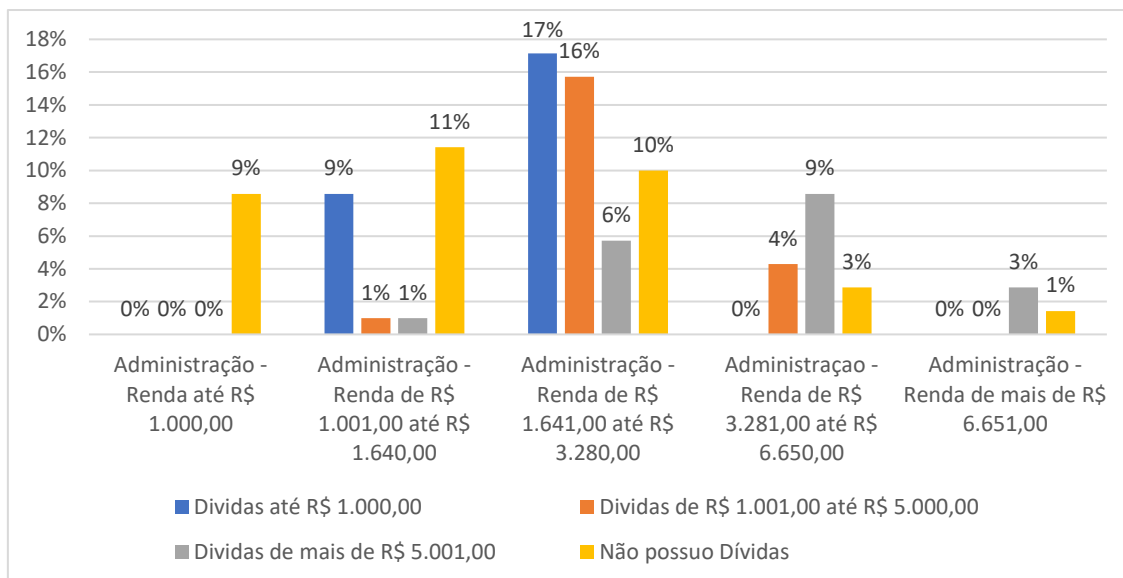
Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Em geral, observa-se que os acadêmicos de Ciências Contábeis estão mais endividados, sendo 47% dívidas de até R\$ 1.000,00. O alto endividamento no Brasil demonstra uma crescente dependência do crédito por parte das famílias. Essa realidade pode resultar em dificuldades financeiras, como a inadimplência, caso não haja um planejamento financeiro adequado. Investir de maneira regular e consciente é fundamental, pois ajuda a formar uma reserva financeira e promove a educação financeira (RIBEIRO *et al*, 2016).

Evidencia-se que a maioria dos estudantes está endividada, especialmente os de Ciências Contábeis. Apenas 17% afirmam não possuir dívida, enquanto, entre os alunos de Administração, este número é de 34%. Ou seja, 83% dos estudantes de Ciências Contábeis e 66% dos alunos de Administração têm algum nível de endividamento, o que indica a grande escala de utilização de crédito pelos alunos e a necessidade de planejamento financeiro. Os dados revelam um alto nível de endividamento entre os acadêmicos, especialmente os de Ciências Contábeis, com 83% endividados, mas a maior parte das dívidas é de até R\$ 1.000,00. Isso indica uma dependência significativa do crédito e a necessidade urgente de educação financeira. A falta de planejamento pode levar a problemas financeiros maiores no futuro, destacando a importância de capacitar os estudantes sobre gestão financeira, investimentos e uso responsável do crédito.

Na figura 5, apresenta-se a relação entre renda e endividamento dos respondentes:

Figura 5: Renda vs. Endividamento – Administração



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

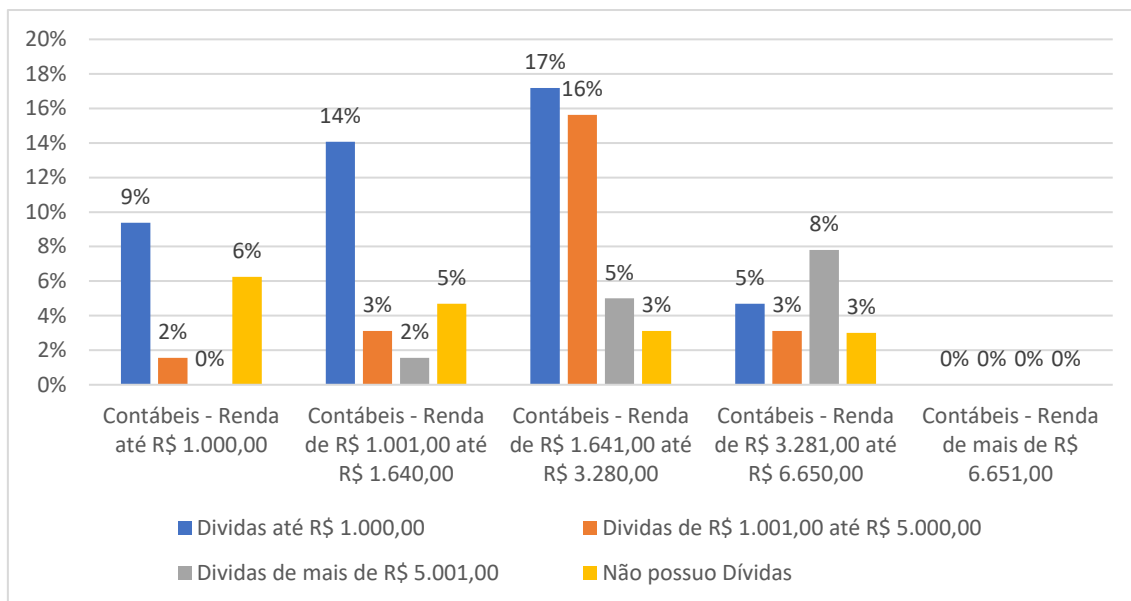
Observa-se que a maior concentração de endividados está na faixa de renda de R\$ 1.641,00 até R\$ 3.280,00, na qual 17% têm dívidas de até R\$ 1.000,00 e 16% têm dívidas de R\$ 1.001,00 a R\$ 5.000,00. Além disso, nessa mesma faixa de renda, apenas 6% dos respondentes têm dívidas superiores a R\$ 5.000,00, enquanto 10% afirmam não possuir dívidas. Esse dado indica que, embora a faixa de renda intermediária (R\$ 1.641,00 até R\$ 3.280,00) apresente uma alta proporção de endividados, os valores das dívidas variam, predominando dívidas de menor valor.

Para as faixas de renda mais baixas (até R\$ 1.000,00 e de R\$ 1.001,00 a R\$ 1.640,00), há uma proporção menor de endividados com valores mais elevados. Nessas categorias, 9% têm dívidas de até R\$ 1.000,00, enquanto 11% não possuem dívidas. Nas faixas de renda mais altas (entre R\$ 3.281,00 e R\$ 6.650,00 e acima de R\$ 6.651,00), a proporção de pessoas endividadas também diminui, havendo uma ligeira predominância de pessoas sem dívidas.

Em resumo, o gráfico revela que o endividamento é mais comum entre aqueles com renda intermediária, embora a maioria das dívidas seja de valores relativamente baixos. Os dados mostram que o endividamento não está diretamente ligado à renda, pois pessoas com menor renda (até R\$ 1.000,00) não possuem dívidas significativas. O endividamento mais alto ocorre na faixa intermediária de renda, devido ao fácil acesso ao crédito e falta de planejamento financeiro. Isso destaca a importância da educação financeira, que pode ajudar os indivíduos a gerenciarem melhor o crédito, evitar dívidas e alcançar maior estabilidade financeira, independentemente de sua renda.

A figura 6 evidencia a relação entre renda e endividamento dos alunos de Ciências Contábeis:

Figura 6: Renda vs. Endividamento - Contábeis



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Assim como no gráfico anterior, a maior concentração de endividados está na faixa de renda intermediária, de R\$ 1.641,00 a R\$ 3.280,00. Nesta faixa, 17% dos respondentes possuem dívidas de até R\$ 1.000,00 e 16% possuem dívidas entre R\$ 1.001,00 e R\$ 5.000,00, indicando uma prevalência de endividados, mas com valores de dívida mais baixos.

Nas faixas de renda mais baixas, até R\$ 1.640,00, observa-se uma menor proporção de endividamento. Por exemplo, na faixa de até R\$ 1.000,00, 9% têm dívidas de até esse valor, e 6% declaram não possuir dívidas. Para a faixa de R\$ 1.001,00 a R\$ 1.640,00, 14% não possuem dívidas, indicando que o endividamento em valores elevados não é comum entre aqueles com renda mais baixa. Nas faixas de renda mais altas (R\$ 3.281,00 a R\$ 6.650,00 e acima de R\$ 6.651,00), o percentual de endividados é ainda menor. Por exemplo, 8% dos respondentes com renda de R\$ 3.281,00 a R\$ 6.650,00 possuem dívidas acima de R\$ 5.000,00, enquanto 3% não possuem dívidas.

Em análise, os dados sugerem que o endividamento é mais presente entre os respondentes com renda intermediária, principalmente em valores menores de dívida. Já nas faixas de renda mais baixa e mais alta, o endividamento tende a ser menos frequente. O gráfico indica que o endividamento é mais comum na faixa de renda intermediária, com dívidas menores, enquanto nas faixas mais baixa e alta, o endividamento é menos frequente. Isso sugere que o endividamento está mais relacionado ao uso do crédito e planejamento financeiro do que à renda em si. A educação financeira é essencial para ajudar a controlar o crédito e evitar dívidas excessivas, independentemente da faixa de renda.

Com investimentos bem planejados, as pessoas conseguem evitar o endividamento excessivo e alcançar uma maior segurança econômica no futuro (PICCINI, 2014).

A seção a seguir apresenta a análise dos conceitos básicos de investimentos e criptoativos dos respondentes.

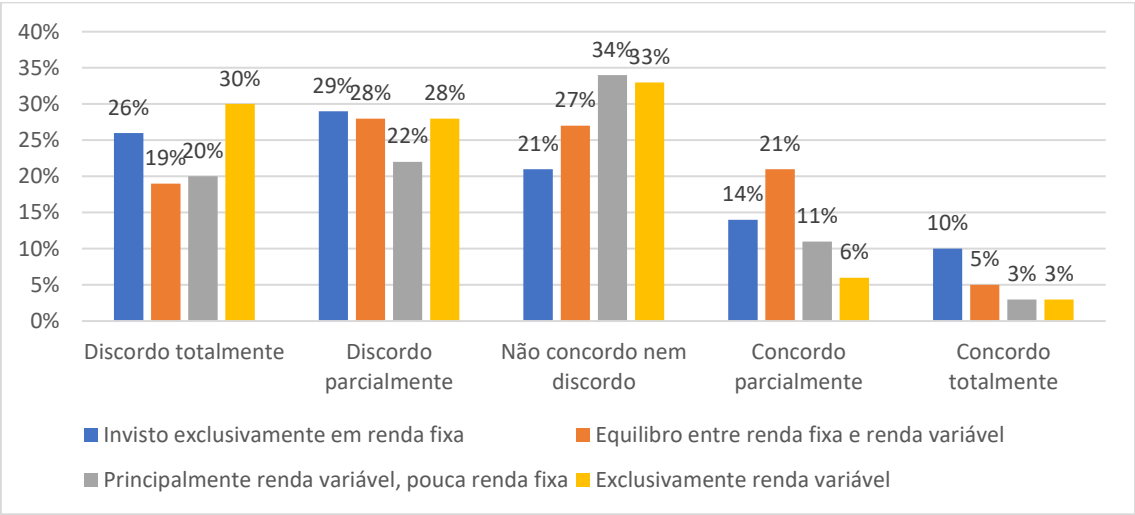
4.3 Perfil investidor

A análise do perfil dos investidores é uma fase crucial para entender as preferências, comportamentos e metas financeiras de pessoas que desejam investir seu

dinheiro no mercado. Essa verificação considera uma série de aspectos, incluindo a disposição para assumir riscos, o prazo de investimento, o nível de conhecimento sobre finanças e as metas pessoais de cada investidor. Ao identificar o perfil de cada um, as instituições financeiras e consultores podem fornecer orientações personalizadas que se ajustem às necessidades e expectativas de seus clientes, resultando em escolhas mais conscientes e em estratégias de investimento mais eficientes (RAMBO, 2014).

Mediante a importância de cada investidor compreender sobre o seu perfil investidor, a presente pesquisa questionou os estudantes quanto a isso. Nesse aspecto, a figura 7 apresenta o perfil do investidor dos respondentes da pesquisa:

Figura 7: Perfil do Investidor



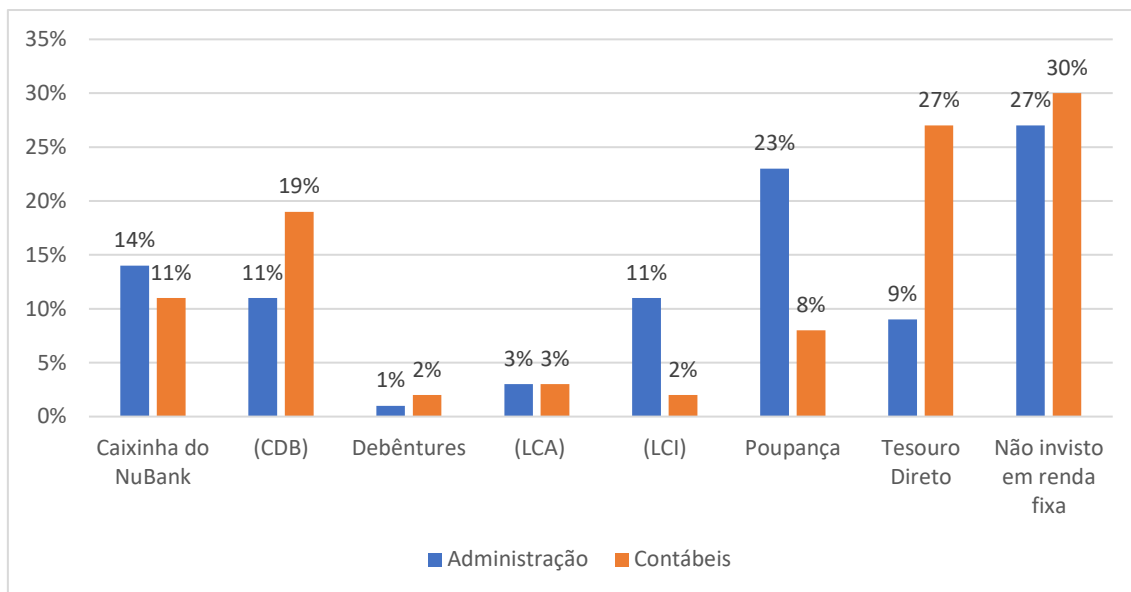
Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Verifica-se que a maior parte dos investidores procura um meio-termo entre a segurança oferecida pela renda fixa e o potencial de lucro da renda variável, evitando abordagens que se concentrem exclusivamente em apenas um desses tipos de investimento. Poucos investidores optam por uma estratégia que se limita a um único tipo de ativo, o que caracterizaria a maioria dos respondentes como perfil do investidor moderado.

A maioria dos investidores adota uma estratégia moderada, equilibrando a segurança da renda fixa com o potencial de lucro da renda variável. Isso é positivo, pois reflete a diversificação de investimentos, fundamental para reduzir riscos e buscar bons retornos. Esse comportamento indica que os investidores têm educação financeira adequada e uma visão equilibrada, o que é essencial para uma estratégia de investimento bem-sucedida a longo prazo.

A figura 8 demonstra a proporção de alunos que investem em renda fixa:

Figura 8: Investimentos Renda Fixa



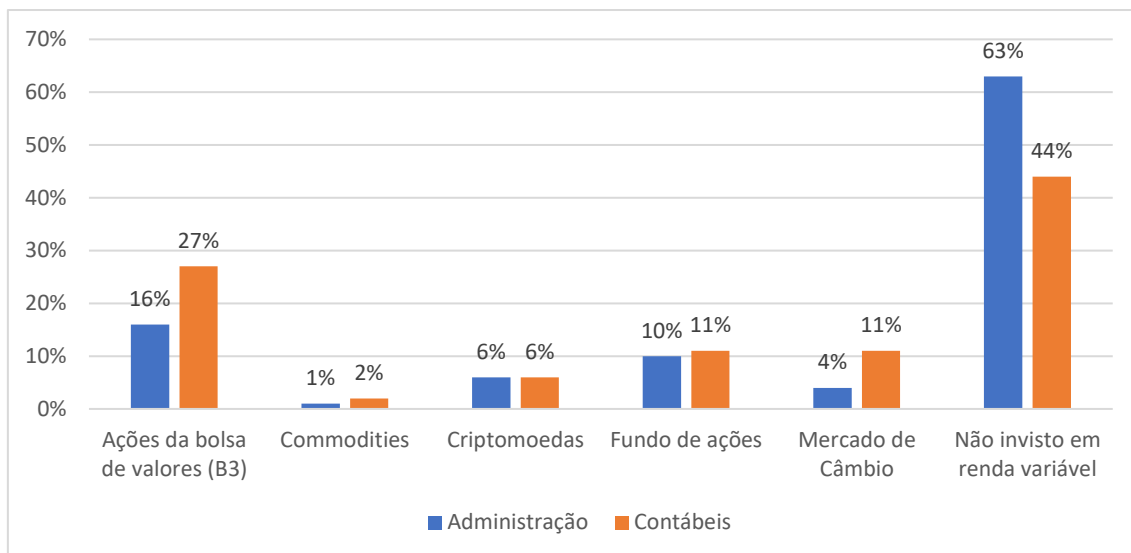
Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Observa-se que uma quantidade significativa de participantes de ambas as áreas (27% em Administração e 30% em Ciências Contábeis) ainda não realiza investimentos em renda fixa. Entre os que investem, muitos preferem opções conservadoras, como poupança e CDBs. Esse panorama aponta para a necessidade de incentivar o aprendizado sobre renda variável que, apesar dos riscos maiores, pode oferecer retornos mais atrativos e aumentar a diversificação da carteira. Ao ganharem mais experiência com renda fixa e compreenderem a relevância da diversificação, os acadêmicos podem expandir suas estratégias para incluir renda variável, como ações e fundos, otimizando o crescimento do patrimônio a longo prazo e fortalecendo sua resiliência financeira (ABREU, 2012).

Embora muitos estudantes invistam em opções conservadoras como poupança e CDBs, a falta de diversificação e o fato de uma parte não investir em renda fixa indicam uma necessidade de educação financeira. É importante incentivar o aprendizado sobre renda variável para aumentar o potencial de retorno, otimizar o crescimento do patrimônio e fortalecer a resiliência financeira dos alunos, permitindo uma abordagem mais equilibrada e diversificada nos investimentos a longo prazo.

Na figura 9, apresenta-se as informações relacionadas a renda fixa, cabe ainda trazer dados a respeito da renda variável. Desse modo, no Gráfico 11 é apresentado a proporção de alunos que afirma investir em renda variável:

Figura 9: Investimentos Renda Variável



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Os estudantes ou profissionais de Administração parecem mais inclinados a evitar investimentos em renda variável, enquanto uma parte tem foco maior em ações da bolsa. Já os de Ciências Contábeis são um pouco mais ativos em diferentes tipos de aplicações, como fundos de ações e câmbio. Isso pode indicar que o perfil de Administração é mais conservador em comparação ao curso de Ciências Contábeis, enquanto contábeis tende a diversificar mais.

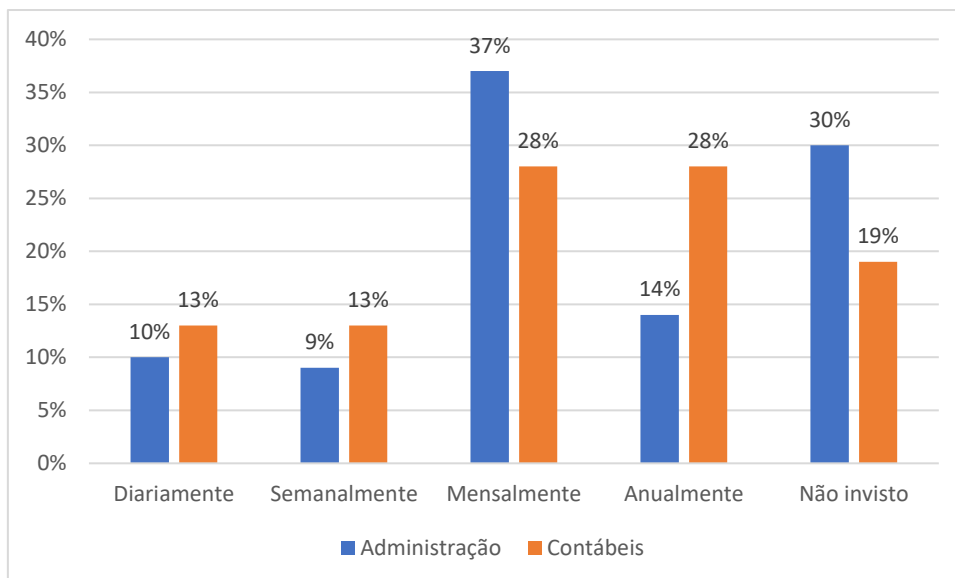
4.2 Conceitos básicos de investimentos e criptoativos

A avaliação da frequência de investimentos entre estudantes de Administração e Contábeis demonstra diferenças significativas nas práticas de investimento. Dentre as opções relacionadas, 37% dos estudantes de Administração e 30% dos de Ciências Contábeis optam por investir mensalmente, enquanto uma parcela considerável afirma não investir (30% em Administração e 25% em Ciências Contábeis).

Os alunos de **Ciências Contábeis** apresentam o maior número de endividados, com 47% tendo dívidas de até R\$ 1.000,00, e o menor percentual de investimentos (25%). Isso sugere uma relação entre falta de investimentos e maior endividamento, possivelmente devido à falta de planejamento financeiro. O cenário destaca a necessidade de **educação financeira** nas universidades para ajudar os alunos a gerenciar melhor suas finanças, evitar dívidas e começar a investir.

A figura 10 apresenta a frequência de investimento dos acadêmicos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis:

Figura 10: Frequência de Investimentos



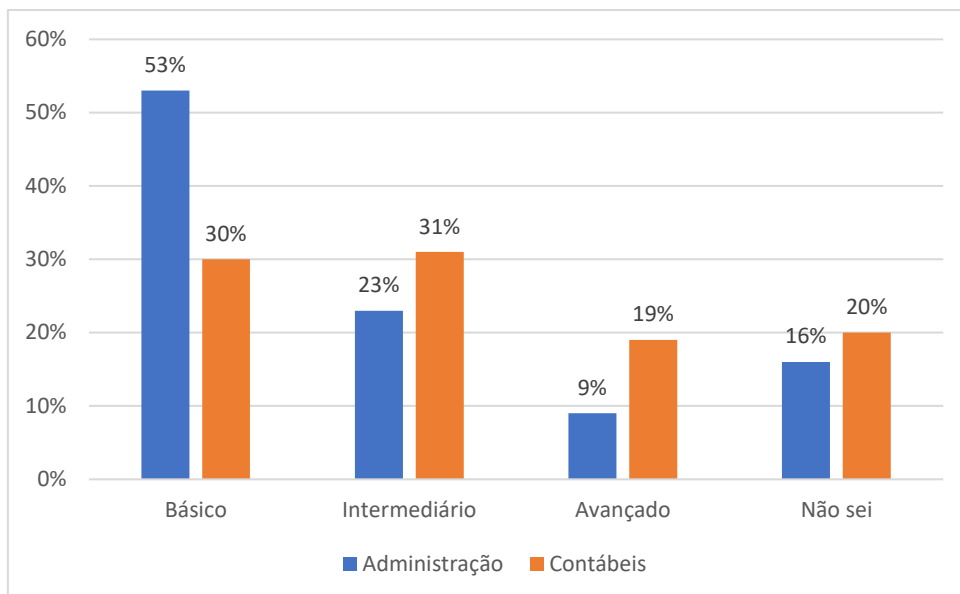
Fonte: dados da pesquisa (2024)

O padrão de investimento dos respondentes indica que o equilíbrio entre a renda disponível e o nível de endividamento é um elemento crucial na hora de decidir investir. Participantes com menor comprometimento financeiro e uma renda mais estável tendem a investir com mais regularidade, enquanto aqueles com maior volume de dívidas adotam uma abordagem mais cautelosa, possivelmente planejando investir apenas quando atingirem uma condição financeira mais segura. Esse contexto destaca como a saúde financeira influencia tanto o perfil de investimento quanto a sua frequência, especialmente em um cenário em que o endividamento representa uma realidade importante para uma parte dos pesquisados.

Esses resultados ressaltam a importância de possuir conhecimentos básicos sobre investimentos, já que a regularidade no investimento pode estar ligada ao nível de confiança e compreensão que os estudantes têm do mercado financeiro (BODIE, 2014). Nesse contexto, a próxima informação a ser analisada refere-se ao nível de conhecimento dos alunos em relação ao mercado de investimentos.

A figura 11 apresenta o nível de conhecimento dos respondentes sobre investimentos:

Figura 11: Autoavaliação de conhecimento sobre investimentos



Fonte: dados da pesquisa (2024).

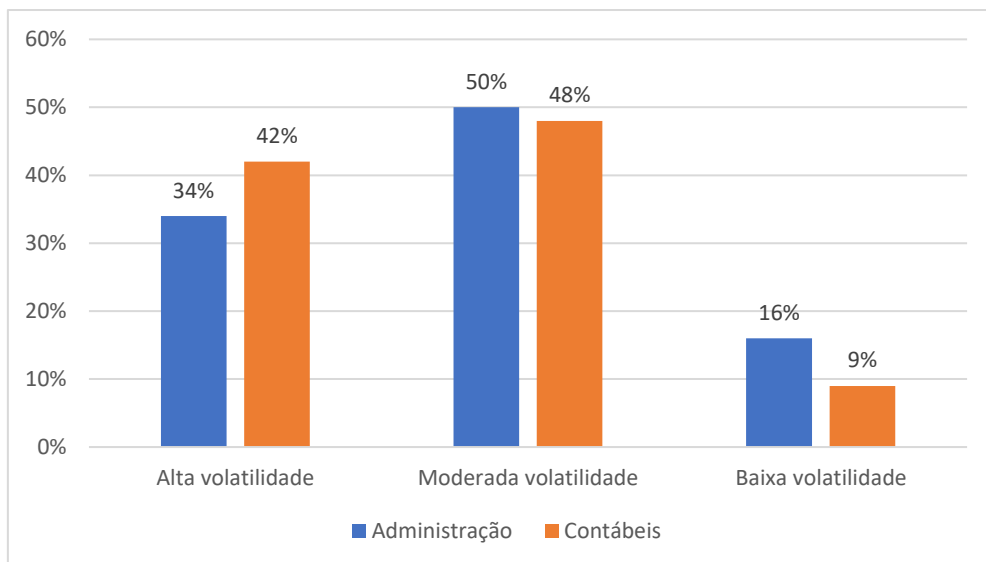
Verifica-se que a maioria dos estudantes de Administração (53%) possui apenas conhecimento básico, enquanto os estudantes de Ciências Contábeis apresentam uma distribuição mais equilibrada entre conhecimento básico (31%) e intermediário (31%), com uma parcela significativa (19%) relatando conhecimento avançado. Esses dados reforçam a importância de incluir investimentos de renda fixa e variável na educação financeira dessas áreas, principalmente para aqueles que ainda não estão familiarizados com estratégias mais avançadas (CARDOZO, 2019).

Apesar de os alunos de Ciências Contábeis terem maior conhecimento intermediário e avançado sobre investimentos, eles não são os que investem com mais frequência e apresentam maior endividamento. Isso sugere que, embora o conhecimento teórico esteja presente, falta aplicação prática desse conhecimento, especialmente na gestão financeira e no uso do crédito. A situação destaca a necessidade de uma educação financeira prática para ajudar os alunos a aplicar o que sabem, evitando dívidas e começando a investir de forma consistente.

A avaliação dos riscos no mercado de criptoativos é fundamental para investidores nesse setor em constante mudança. As criptomoedas se caracterizam por sua alta volatilidade, resultando em flutuações de preço acentuadas. Além disso, fatores como regulamentações governamentais, questões de segurança cibernética e incertezas sobre a tecnologia *blockchain* podem afetar a confiança e a estabilidade do mercado. Compreender esses riscos é essencial para criar estratégias de investimento eficazes e proteger o capital, permitindo decisões informadas em um ambiente que apresenta tanto oportunidades quanto desafios (TRINDADE, VIEIRA, 2020).

A figura 12 apresenta a percepção dos respondentes da pesquisa sobre a volatilidade do mercado de criptoativos.

Figura 12: Volatilidade dos Criptoativos



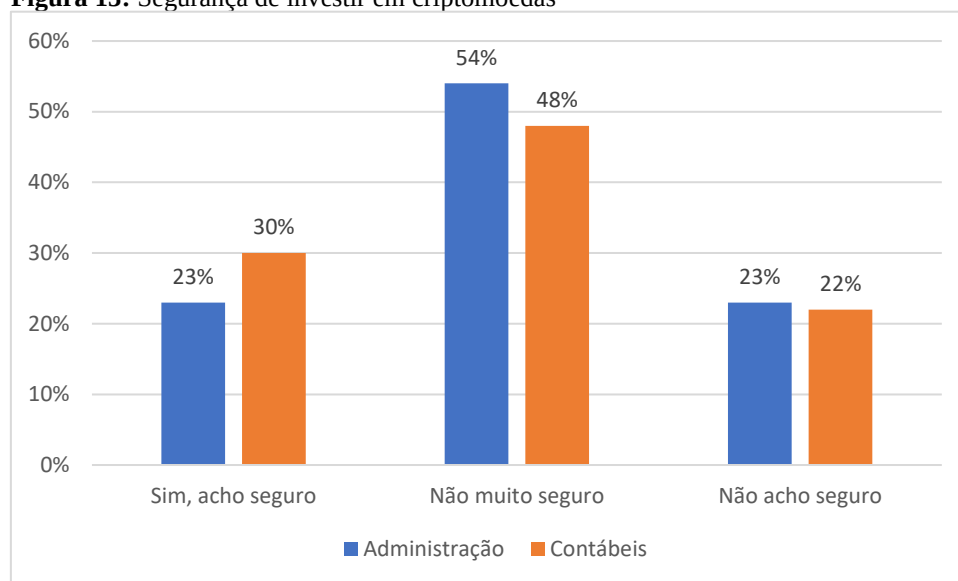
Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Embora tanto a administração quanto a contabilidade reconheçam a instabilidade dos criptoativos, suas visões apresentam diferenças em certos aspectos. A Administração geralmente identifica os criptoativos com baixa volatilidade, em maior proporção (16%) em comparação com a Contabilidade (9%), o que pode refletir uma perspectiva mais otimista ou uma abordagem de gestão que busca estabilizar os investimentos. Em contrapartida, a Contabilidade destaca uma proporção maior de alta volatilidade (42%) em relação à Administração (34%), indicando uma preocupação mais intensa com os riscos envolvidos. A seção seguinte apresenta o perfil do investidor.

A diferença nas percepções de volatilidade dos criptoativos entre Administração e Ciências Contábeis reflete abordagens distintas ao risco. Administração tende a ter uma visão mais otimista, vendo os criptoativos com baixa volatilidade (16%), enquanto Contabilidade destaca sua alta volatilidade (42%), preocupando-se mais com os riscos. Isso sugere que estudantes de Administração podem ser mais arrojados, buscando maiores retornos, enquanto os de Ciências Contábeis são mais conservadores, focando nos riscos. A diferença de percepção está relacionada ao perfil de investidor e à educação financeira de cada área.

Diante das análises focadas em renda variável, entende-se que as criptomoedas fazem parte dessa modalidade de investimentos. Nesse caso, a figura 13 apresenta o nível de segurança que os respondentes têm em investir nas criptomoedas:

Figura 13: Segurança de investir em criptomoedas



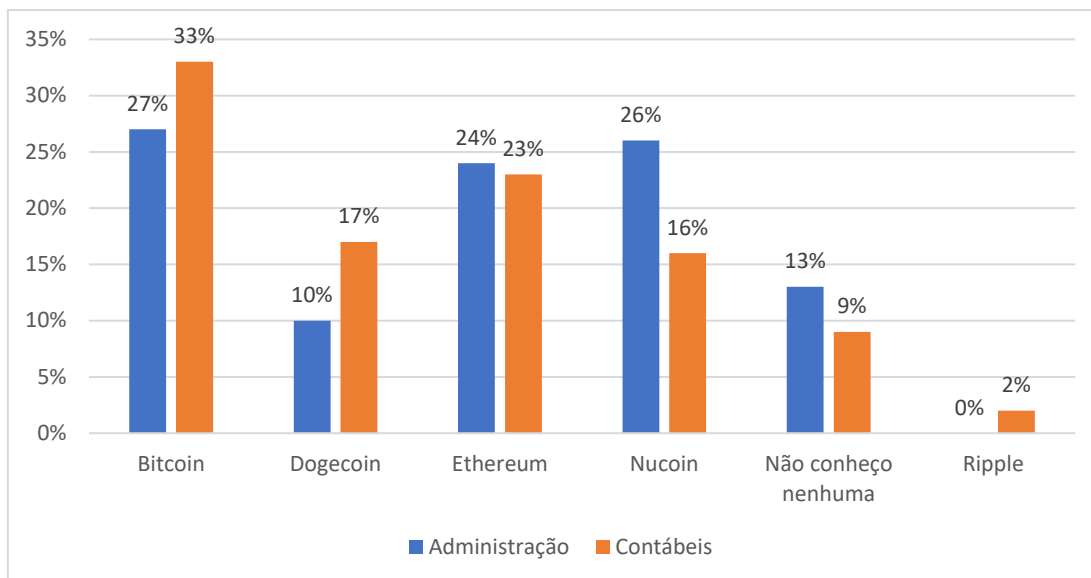
Fonte: dados da pesquisa (2024)

A maioria dos estudantes de Administração (54%) e uma parte considerável dos de Ciências Contábeis (48%) consideram que investir em criptomoedas não é muito seguro. Isso reflete uma percepção de cautela e possivelmente uma falta de familiaridade com esse tipo de ativo, já que apenas uma pequena parcela dos alunos se sente confiante para considerar esses investimentos seguros. A insegurança em relação ao mercado de criptomoedas pode estar diretamente relacionada ao nível de conhecimento dos estudantes sobre esse tipo de investimento e às criptomoedas específicas.

Outro fator que pode estar associado à percepção de risco e à falta de familiaridade dos alunos com a segurança dos investimentos em criptomoeda é a renda. No caso de alunos que ganham menos dinheiro, são relutantes em alocar seus recursos em ativos voláteis, pois prefeririam preservá-los por meio de opções consideradas mais estáveis. Outra tendência que pode ser relevante é a crescente aceitação de apostas esportivas, *Bets*, entre a população jovem com idade média variada de 20 a 30 anos. Naturalmente, as apostas são vistas como uma forma de entretenimento para um jovem/adulto ou até como uma forma arriscada de investimento, principalmente devido ao fato de ser um meio de atividade intermitente e com risco imprevisível. Observa-se que ao invés de o adolescente gastar uma quantia mais significativa do orçamento nas apostas, ele poderia transferir mais dinheiro para outras atividades de alto risco e curto prazo, em vez de investimentos clássicos com a finalidade de obter maior segurança (MAGALHÃES *et al.*, 2023).

A figura 14 contempla as criptomoedas mais conhecidas pelos alunos, apresentando as principais moedas digitais que os estudantes de Administração e Ciências Contábeis afirmaram conhecer. Essa análise permitirá entender quais criptomoedas são mais familiares aos estudantes e se há uma correlação entre a popularidade de certas moedas e a percepção de segurança no investimento em ativos digitais.

Figura 14: Conhecimento sobre criptomoedas

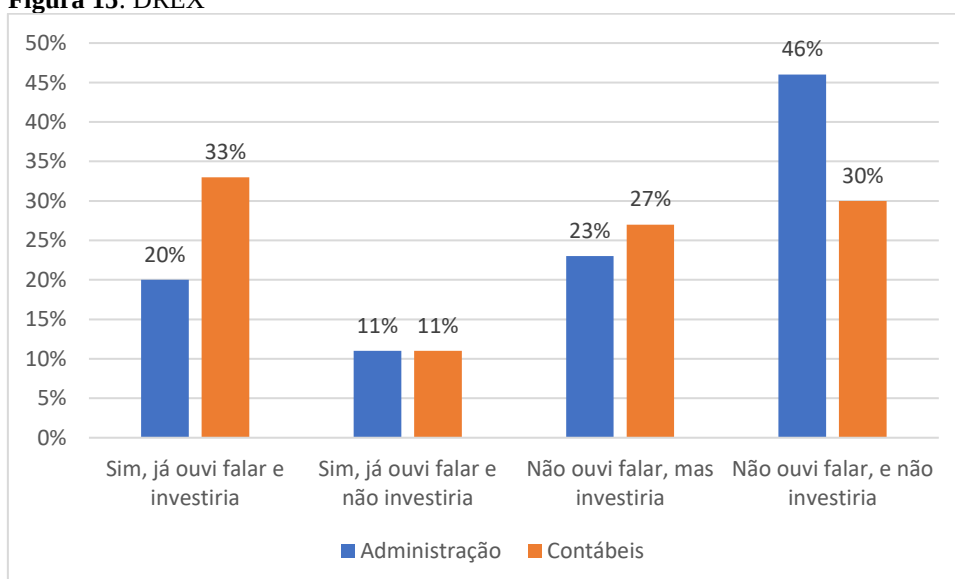


Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Percebe-se que o nível de conhecimento sobre criptomoedas entre os estudantes dos cursos de Administração e Ciências Contábeis, com destaque para o *Bitcoin*, que é a mais popular, é maior entre os alunos de Ciências Contábeis. Esse interesse por criptomoedas, como *Bitcoin* e *Ethereum*, é relevante em meio a mudanças no sistema financeiro, como a introdução do DREX, moeda digital do Banco Central do Brasil. Embora também utilize tecnologia digital para facilitar transações, o DREX é centralizado, ao contrário das criptomoedas descentralizadas (RAGAZZO, CATALDO, 2021).

Mediante o surgimento das moedas digitais e o avanço tecnológico, os países também criaram suas próprias moedas digitais. No caso do Brasil, o DREX foi lançado no segundo semestre de 2024. Nesse sentido, investigou-se qual o nível de conhecimento dos alunos em relação a essa moeda digital brasileira, apresentado na figura 15. Esse levantamento permite entender o nível de familiaridade do público com o DREX, em meio ao cenário de transformação digital no sistema financeiro brasileiro:

Figura 15: DREX



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Verifica-se o nível de conhecimento e interesse dos participantes em relação ao DREX, indicando que muitos ainda não estão familiarizados com essa moeda digital. Embora entender a tecnologia por trás das moedas digitais seja importante, o principal fator parece ser a falta de informações acessíveis e da presença do DREX nas principais plataformas de negociação. Uma maior divulgação sobre a moeda, suas vantagens e como acessá-la poderia despertar o interesse dos investidores, especialmente entre aqueles que já demonstram curiosidade sobre o mercado de ativos digitais. Esse cenário destaca a importância de entender tecnologias como o *blockchain*, que serve de base para várias moedas digitais, incluindo o DREX. Dominar o conceito de *blockchain* é essencial para compreender os novos modelos de transação e segurança digital, que estão redesenhando o setor financeiro. Esse conhecimento pode aumentar a confiança e o interesse dos investidores em ativos digitais (COSTA, BORGES, 2024).

Esse cenário sugere a necessidade de iniciativas de educação financeira e de divulgação das vantagens e oportunidades dos ativos digitais. A próxima seção apresentará a conclusão deste trabalho, sintetizando os principais achados e reflexões desenvolvidas ao longo do estudo.

A análise dos dados deve considerar as diferenças curriculares entre os cursos de Administração e Ciências Contábeis. Os alunos de contábeis, com foco em análise fundamentalista e avaliação de ativos, tendem a ser mais conservadores e preferem renda fixa, enquanto os de Administração, com ênfase em estratégias empresariais, são mais inclinados a investir em renda variável e criptoativos. A educação financeira deve ser reforçada em ambos os cursos, promovendo maior diversificação e compreensão dos riscos e retornos para otimizar os investimentos.

5 CONCLUSÃO

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar o nível de conhecimento e a percepção sobre investimentos e criptoativos entre os acadêmicos de uma faculdade privada de Cascavel-PR. Com essa investigação, buscou-se compreender como esse público enxerga e se posiciona em relação a investimentos e criptoativos.

Este estudo revela que os estudantes de Administração e Ciências Contábeis possuem um conhecimento introdutório sobre investimentos e criptoativos, confirmando a Hipótese 1. Os dados sugerem que, embora esses alunos compreendam os conceitos básicos, lhes falta uma compreensão mais aprofundada, especialmente no que diz respeito aos riscos e à volatilidade inerente aos criptoativos.

Quanto à Hipótese 2, os resultados indicam que a exposição ao mercado de criptoativos tende a levar esses estudantes a um comportamento de investimento mais instável e voltado para o curto prazo. A maior parte dos participantes reconhece a alta volatilidade das criptomoedas, optando por uma postura mais cautelosa e demonstrando que, para eles, essas moedas digitais ainda não são vistas como uma alternativa de longo prazo segura e estável.

No que se refere à Hipótese 3, observou-se que aqueles que baseiam suas decisões em informações quantitativas e análises fundamentadas geralmente tomam decisões de investimento mais consistentes e estratégicas, principalmente, no mercado tradicional. Em contraste, aqueles que se apoiam em informações de redes sociais e fontes não

especializadas frequentemente mostram uma tendência a decisões menos fundamentadas e mais impulsivas.

Os resultados da Hipótese 4 reforçam que os estudantes que utilizam cursos online especializados e plataformas educacionais, em vez de redes sociais e fóruns, demonstram um nível mais elevado de conhecimento prático sobre criptoativos. Esse grupo mostrou uma compreensão mais sólida das especificidades do mercado de criptomoedas, o que reforça o valor do aprendizado estruturado para desenvolver um entendimento aprofundado.

Essas conclusões apontam para a importância de fortalecer a educação financeira nos cursos de Administração e Ciências Contábeis, com especial atenção aos criptoativos e às estratégias de investimento a longo prazo. É necessário incluir conteúdos relacionados ao mercado de capitais que ensinem os alunos a identificar e avaliar informações confiáveis, pois pode prepará-los para tomar decisões mais embasadas, permitindo que se adaptem melhor ao mercado financeiro em constante transformação.

A conclusão deste estudo sublinha a importância de uma base sólida em educação financeira e de um entendimento sobre investimentos, conforme mostrado pelos resultados. O objetivo central, que buscou compreender o comportamento e o nível de conhecimento dos estudantes de Administração e Ciências Contábeis em relação a investimentos, foi atingido ao evidenciar as diferenças entre os perfis de investidores e as percepções sobre o mercado de criptoativos.

Os objetivos específicos foram contemplados ao investigar, por exemplo, o nível de familiaridade dos estudantes com conceitos básicos de investimentos e criptoativos, assim como ao analisar seus perfis de investidor. Os dados demonstram que a maioria dos alunos apresentam conhecimentos básicos sobre investimentos, com os estudantes de Administração tendendo a um perfil mais conservador. Em comparação, os estudantes de Ciências Contábeis demonstraram maior inclinação para diversificar suas carteiras, indicando um perfil de investimento mais ativo e variado.

Outro ponto fundamental abordado foi a percepção de segurança em investimentos em criptomoedas. Os dados revelaram que muitos estudantes se mostram cautelosos ao considerar esses ativos, sugerindo uma relação entre a percepção de risco e o nível de conhecimento sobre o tema.

Para futuras pesquisas, seria interessante ampliar o número de entrevistados e incluir participantes de variadas idades e formações, além dos estudantes de Ciências Contábeis e Administração, para obter uma visão mais abrangente sobre os conhecimentos e atitudes em relação aos investimentos. Realizar o estudo em diferentes regiões e instituições também enriqueceria a análise, permitindo comparar como fatores culturais e socioeconômicos influenciam esses comportamentos. Avaliar o impacto da educação financeira em profissionais com maior experiência no mercado e compará-los com os estudantes poderia oferecer *insights* valiosos sobre a evolução do perfil de risco ao longo da vida. Outra linha de investigação poderia explorar como fatores como renda mensal e endividamento afetam a disposição para investir em ativos mais voláteis, como criptoativos.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Jefferson Pereira; **LUCENA**, Wenner Glaucio Lopes. Educação financeira: uma análise de grupos acadêmicos. **Revista Economia & Gestão**, v. 18, n. 49, p. 103-121, 2018.

ASSAF NETO, Alexandre. Mercado Financeiro. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2003.

ASSAF NETO, Alexandre. (2018). Mercado Financeiro. Atlas, 14ª edição, julho de 2018.

ASSAF NETO, Alexandre. Mercado Financeiro. 12ª ed. São Paulo: Atlas, 2014

ABREU, E. Apostila Certificação Ancord. 2012. p. 47.

ALMEIDA, João. **Os Criptoativos no Cibercrime**. Leya, 2024.

BALTHAZAR, M. S. P; **MORGADO**, P. H. H; **CABELLO** O. G; Alternativas de Investimentos em Renda Fixa no Brasil: Comparação Entre um Banco de Investimento e um Banco de Varejo. *Revista Evidenciação Contábil & Finanças*, v.6, n.2, 2018, p.36-57.

BARROS, A., Mirley Sampaio, L., & Antônio Pereira Pinto, M. (2019). Tesouro Direto.

BARROS, Ricardo Paes de et al. Uma análise das principais causas da queda recente na desigualdade de renda brasileira. 2006.

BARROSO, L. C. (2023). Real digital: nova moeda à vista.

BRUM, Gabriel Luis; **RODRIGUES**, Marcos Rogério. **MERCADO DE INVESTIMENTOS: UM ESTUDO COM ACADÊMICOS DA FEMA**. 2015

BODEVAN, I. S.; **SODRÉ**, T. O.; **FERREIRA**, C. F. A. Utilização das técnicas de análise fundamentalista no mercado de capitais. Centro Universitário de Belo Horizonte, 2015.

BODIE, Zvi; **KANE**, Alex; **MARCUS**, Alan. **Fundamentos de investimentos**. AMGH Editora, 2014.

CALEFFE, L. G., & **MOREIRA**, H. (2006). Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. *ILJ*, 17, 1.

CAMPOS, Celso Ribeiro; **QUEIROZ**, Cileda; **COUTINHO**, Silva. O juro real no contexto da educação financeira crítica. **TANGRAM-Revista De Educação Matemática**, v. 2, n. 2, p. 67-86, 2019.

DE CAMARGOS, Marcos Antônio; **BARBOSA**, Francisco Vidal. Eficiência informacional do mercado de capitais brasileiro pós-Plano Real: um estudo de eventos dos anúncios de fusões e aquisições. **Revista de Administração-RAUSP**, v. 41, n. 1, p. 43-58, 2006.

CARDOZO, Tuane *et al.* Análise do Perfil de Investidores Brasileiros. In: ***Proceedings of the IX Congresso Brasileiro de Engenharia de Produção, Ponta Grossa-Paraná, Brazil.*** 2019. p. 4-6.

CHEN, J., **LEE**, C. M. C., **SHLEIFER**, A. (2018). Alocação de ativos e desempenho do portfólio: evidências de fundos patrimoniais universitários. *A Revisão de Estudos Financeiros* 31(3), 765–814.

CHICARINO, Vanessa RL *et al.* Uso de blockchain para privacidade e segurança em internet das coisas. **Sociedade Brasileira de Computação**, 2017.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (CVM). (2018). Relatório Anual 2018. Rio de Janeiro: CVM.

CRIST, R. D. (2023). Estudo comparativo entre previdência e outras opções de investimento no mercado brasileiro.

COSTA, Evandro Vitorino. Uma investigação sobre o conhecimento acerca de finanças pessoais e investimentos entre os acadêmicos da Unesc. 2021.

COSTA, S. F. C. D. (2023). Educação financeira e criptomoedas: decisão de investimentos dos estudantes de ciências contábeis e administração.

COSTA, J. R., **Oliveira**, K. L., & **Santos**, L. M. (2020). Aplicações do *Blockchain* em Diferentes Setores: Uma Revisão da Literatura. *Revista de Tecnologia e Inovação*, 7(2), 78-92.

DE ARAÚJO COSTA, Djones Braz; **BORGES**, Daniel Clarismundo. Os impactos da gestão de projetos e negócios em tecnologia da informação na administração de cidades inteligentes baseadas em Blockchain, Criptomoedas e Moeda Digital do Banco Central (CBDC). **Caderno Pedagógico** , v. 5, pág. e4225-e4225, 2024.

CUNHA, Pedro Henrique Marquês da. Direito à privacidade no desenho do real digital: um estudo sobre o papel do Banco Central do Brasil no ecossistema do seu projeto de retail CBDC. 2022.

DE FARIA, Rogério Gomes. **Mercado Financeiro: instrumentos & operações**. Prentice Hall, 2003.

DE OLIVEIRA MELO, Carlos Eduardo *et al.* CURSO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA INVESTIDORES INICIANTE MÓDULO II: RENDA FIXA LCI E LCA. **Revista Científica Doctum Multidisciplinar**, v. 3, n. 10, 2023.

FABRIS. Estudo comparativo do índice bovespa x certificado de depósito interbancário (cdi), visando identificar qual dos dois teve variação maior no período compreendido entre 2005 e 2010. UNESC, 2011.

FARIA, R. G; **Mercado Financeiro: instrumentos & operações**. São Paulo: Editora Pearson, 2003.

FARIAS, DIOGO HENRIQUE; DE OLIVEIRA, VINICIUS NAPOLE. Estudo sobre as taxas de juros com enfoque para a Taxa SELIC. 2013.

FERREIRA, E. H., Lima, F. G., & Silva, H. M. (2019). *Blockchain e Criptomoedas: Uma Perspectiva Tecnológica*. São Paulo: Editora Econômica Ltda.

FERREIRA, Juliana Cezario. A importância da educação financeira pessoal para a qualidade de vida. **Caderno de Administração**, v. 11, n. 1, 2017

FERREIRA, Juliandson Estanislau; PINTO, Filipe Gutemberg Costa; DOS SANTOS, Simone Cristiane. Estudo de mapeamento sistemático sobre as tendências e desafios do Blockchain. **Gestão. org**, v. 15, n. 6, p. 108-117, 2017.

FILGUEIRA, A. L. I. Mercado de Debêntures no Brasil: Estágio Atual e Desafios ao Desenvolvimento. Caderno Discentes COPPEAD, Rio de Janeiro, nº 28, p. 4-36, 2006

FREITAS, Q. G. D. DREX: uma análise da cbdc brasileira no atual cenário de moedas digitais, 2023.

GARCIA, A. B., Oliveira, C. D., & Santos, E. F. (2020). Risco e Retorno: Uma Análise dos Efeitos da Diversificação na Carteira de Investimentos. Rio de Janeiro: Editora Econômica Ltda.

HENRIQUE, et al. A TRIBUTAÇÃO DO IMPOSTO DE RENDA PESSOA FÍSICA NO GANHO DE CAPITAL NAS OPERAÇÕES DE DAY TRADE NO MERCADO À VISTA NO BRASIL. **Revista Eletrônica de Ciências Contábeis**, v. 12, n. 3, p. 103-129, 2023.

IBGE. Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo. Maio de 2024

JÚNIOR, L. A. Juros no direito brasileiro. 4ª Ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011.

LIMA, G. H., & Pereira, I. M. (2021). A Importância da Diversificação na Construção de Carteiras de Investimento. São Paulo: Editora Financeira Ltda.

LIMA, G. J., & Fernandes, P. P. (2022). A introdução do real digital na economia brasileira: um estudo de caso. *Revista Cadernos de Negócios*, 3(1).

LUCCI, Cintia Retz et al. A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. **Seminário em Administração**, v. 9, 2006.

LUSARDI, MITCHELL, (2011). Alfabetização e planejamento financeiro: implicações para o bem-estar na aposentadoria. *Jornal de trabalho do Conselho de Pesquisa sobre Pensões*.

MILAN, Pedro Luiz Albertin Bono; EID JÚNIOR, William. DIVERSIFICAÇÃO DOS INVESTIMENTOS: uma análise comportamental das decisões dos investidores. 2015.

MALAQUIAS, Rodrigo Fernandes; EID JUNIOR, William. Fundos multimercados: desempenho, determinantes do desempenho e efeito moderador. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, p. 135-163, 2014.

MAGALHÃES, André Baptista et al. Apostas esportivas no Brasil: um olhar jurídico sobre a regulamentação, seus impactos e desafios. 2023.

NAKAMO. Para reduzir juro, Selic precisa acabar. Valor Econômico. Março de 2012.

NETO, J. M. V., de Souza Santos, J. C., & Mello, E. M. (2019). *O mercado de renda fixa no Brasil: conceitos, precificação e risco*. Saint Paul.

NERASTI, João Nascimento; LUCINDA, Claudio Ribeiro. Persistência de desempenho em fundos de ações no Brasil. **Brazilian Review of Finance**, v. 14, n. 2, p. 269-297, 2016.

OLIVEIRA, J. R., & Costa, K. L. (2019). Diversificação de Investimentos: Estratégias e Práticas. *Revista Brasileira de Finanças*, 15(2), 78-92.

OLIVIERI, Maria de Fátima Abud. Educação financeira. **Revista Eniac Pesquisa**, v. 2, n. 1, p. 43-51, 2013.

PERLIN, M S. A microestrutura do tesouro direto: sazonalidade do fluxo de ordens e o processo de formação de spreads. *Economia Aplicada*, v.20, n.3, 2016, p. 253-272.

PIMENTEL, et. al. TÍTULOS PÚBLICOS: Uma alternativa de investimento com ganhos reais e seguro. 2015

PILKINGTON, M. (2016). Tecnologia Blockchain: princípios e aplicações. manual de pesquisa sobre transformações digitais, editado por f. Xavier Olleros e majlinda zhegu.

PICCINI, Ruberlan Alex Bilha; PINZETTA, Gilberto. Planejamento financeiro pessoal e familiar. **Unoesc & Ciência-ACSA**, v. 5, n. 1, p. 95-102, 2014.

PROCIANOY, J. I.; VEISMAN, E. Debêntures conversíveis em ações e o mercado de capitais brasileiro: revisão e novos questionamentos, In: Leal et al.. (Org.). *Finanças Corporativas*. São Paulo: Atlas, p. 81-96, 2000.

RAGAZZO, Carlos; CATALDO, Bruna. Moedas digitais: entenda o que são criptomoedas, *stablecoins* e CBDCs Digital Currencies: Understand cryptocurrencies, *stablecoins* and CBDCs. **WHITE PAPER| Setembro**, 2021.

RAMBO, A. C. (2014). O perfil do investidor e melhores investimentos: da teoria à prática do mercado brasileiro.

REIS, Tiago. LCA: como investir em uma Letra de Crédito do Agronegócio? Suno Research. 2020. Disponível em: <https://www.sunoresearch.com.br/artigos/lca/> Acesso em: 13 jun. 2024.

RIBEIRO, Rodrigo Fernandes; **LARA**, Ricardo. O endividamento da classe trabalhadora no Brasil e o capitalismo manipulatório. **Serviço Social & Sociedade**, p. 340-359, 2016.

ROGERS, P., Securato, J. R., & de Sousa Ribeiro, K. C. (2008). Governança corporativa, custo de capital e retorno do investimento no Brasil. *REGE Revista de Gestão*, 15(1), 61-77.

RUBIK, COSTA. Algumas relações entre o SELIC-Over e o CDI. Ciências Sociais Aplicadas em Revista. Unioeste. 2008

SILVA, A. B., Santos, C. D., & Souza, E. F. (2020). Introdução aos Investimentos. *Revista Brasileira de Finanças*, 10(2), 45-58.

SILVA, A. B., Santos, C. D., & Oliveira, E. F. (2023). Estratégias de Diversificação de Investimentos. *Revista Brasileira de Finanças*, 10(2), 45-58.

SIQUEIRA, Diana Cabral. Risco de crédito: análise da metodologia de capacidade de pagamento da Secretaria do Tesouro Nacional por meio de regressão logística. 2020.

SWAN, M. Blockchain Thinking: O Cérebro como um DAC (Organização Autônoma Descentralizada). Conferência Bitcoin do Texas, 2015.

TRINDADE, Vieira. Criptoativos: conceito, classificação, regulação jurídica no brasil e ponderações a partir do prisma da análise econômica do direito. *RJLB*, Ano 6 (2020), nº 6.

VIEIRA, Saulo Fabiano Amancio; **BATAGLIA**, Regiane Tardiolle Manfre; **SEREIA**, Vanderlei José. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 9, n. 3, p. 61-86, 2011.

VILAÇA, Ademir Pedro. Estrutura e evolução do IPCA no período 2000-2014: uma análise da inflação brasileira sob uma perspectiva heterodoxa. **Brazilian Keynesian Review**, v. 1, n. 2, p. 193-211, 2015.

XPI Investimentos. Descubra melhor mix para seu perfil investidor. 2018

WAINER, J. (2007). Métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa para a Ciência da Computação. *Atualização em informática*, 1(221-262), 32-33.

Apêndice A – Questionário

Questionário:

1ª Parte: Perfil do Respondente

1.1 – Idade:

- ☐ 17 a 20 anos
- ☐ 20 a 30 anos
- ☐ Mais de 30 anos

1.2 – Gênero

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ outro

1.3 – Está cursando qual período da graduação?

- ☐ 1º ou 2º
- ☐ 3º ou 4º
- ☐ 5º ou 6º
- ☐ 7º em diante

1.4 – Está trabalhando ou estagiando?

- ☐ Trabalhando (carteira assinada)
- ☐ Profissional Autônomo
- ☐ Estagiando na área
- ☐ Nenhuma das opções

1.5 – Qual é o seu curso de graduação?

- ☐ Ciências contábeis
- ☐ Administração

1.6 – Qual é seu estado civil?

- ☐ Casado
- ☐ Solteiro
- ☐ Viúvo
- ☐ Outros

1.7 – Qual a sua renda líquida mensal?

- ☐ Até R\$ 1.000,00
- ☐ De R\$ 1.001,00 até R\$ 1.640,00
- ☐ De R\$ 1.641,00 até R\$ 3.280,00
- ☐ De R\$ 3.281,00 até R\$ 6.650,00
- ☐ Mais de R\$ 6.651,00

1.8 – Você costuma planejar seu orçamento financeiro?

- ☐ Sim, mensalmente
- ☐ Sim, anualmente

☐ Não

1.9 - Quanto à administração do seu dinheiro, como você se considera?

- ☐ Insuficiente
- ☐ Pouco eficiente
- ☐ Eficiente
- ☐ Muito eficiente

1.10- Você possui dívidas? Por exemplo: cartão de crédito, contas a pagar, empréstimos, financiamentos, dívidas de impostos.

- ☐ Sim, de até R\$ 1.000,00
- ☐ Sim, de R\$ 1.001,00 até R\$ 5.000,00
- ☐ Sim, de mais de R\$ 5.001,00
- ☐ Não possuo dívidas

2ª Parte: Conceitos Básicos de Investimentos e Criptomoedas

2.1 – Você investe atualmente?

- ☐ Sim, todo mês
- ☐ Sim, às vezes
- ☐ Não

2.2 – Quais os tipos de investimentos em renda fixa você possui?

- ☐ Tesouro Direto
- ☐ Certificado de Depósito Bancário (CDB)
- ☐ Letra de Crédito Imobiliário (LCI)
- ☐ Letra de Crédito do Agronegócio (LCA)
- ☐ Debêntures
- ☐ Poupança
- ☐ Caixinha do NuBank
- ☐ Não invisto em renda fixa

2.3 – Quais investimentos em renda variável você possui?

- ☐ Ações da bolsa de valores (B3)
- ☐ Fundo de ações
- ☐ Mercado de Câmbio
- ☐ *Commodities*
- ☐ Criptomoedas
- ☐ Não invisto em renda variável

2.4 – Quando você pesquisa sobre investimentos, qual seu método de informações preferido?

- ☐ Livros
- ☐ Youtube
- ☐ Cursos *on-line*
- ☐ Blogs
- ☐ Redes sociais
- ☐ Outros
- ☐ Não pesquiso sobre investimentos

2.5 – Você investe com qual frequência?

- ☐ Semanalmente
- ☐ Anualmente
- ☐ Diariamente
- ☐ Mensalmente
- ☐ Não invisto

2.6 – Você acompanha a rentabilidade de seus investimentos?

- ☐ Sim, uma vez por mês
- ☐ Sim, de duas a mais vezes por mês
- ☐ Não
- ☐ Não invisto

2.7 - Como você avalia seu grau de conhecimento sobre investimentos?

- ☐ Básico
- ☐ Intermediário
- ☐ Avançado
- ☐ Não sei

2.8 – Você considera seguro investir em criptomoedas?

- ☐ Sim, acho seguro
- ☐ Não muito seguro
- ☐ Não acho seguro

2.9 – Como você avalia o seu nível de conhecimento sobre criptomoedas?

- ☐ Básico
- ☐ Intermediário
- ☐ Avançado
- ☐ Não sei

2.10 – Você já realizou operações com criptomoedas?

- ☐ Sim
- ☐ Algumas vezes
- ☐ Nunca

2.11- Quais destas criptomoedas você conhece?

- ☐ *Bitcoin*
- ☐ *Ethereum*
- ☐ *Nucoin* (NuBank)
- ☐ *Dogecoin*
- ☐ *Ripple*
- ☐ Não conheço nenhuma

2.12- Discussões sobre uma possível emissão de uma moeda digital pelo Banco Central do Brasil começaram em 2020. A moeda foi batizada em 2024 de DREX. Esta não tem intenção de substituir o Real físico, mas sim implementar o sistema econômico digital brasileiro (BARROSO, 2023; FREITAS, 2023).

Você já ouviu falar em DREX? Se sim, você investiria?

- ☐ Sim, já ouvi falar e investiria

- () Sim, já ouvi falar e não investiria
 () Não ouvi falar, mas investiria
 () Não ouvi falar e não investiria

2.13 – Os criptoativos emergiram como uma categoria singular de ativos financeiros que desafiam os paradigmas tradicionais do sistema financeiro. Os criptoativos, representados principalmente pelo *Bitcoin* e outras criptomoedas, são ativos digitais que utilizam criptografia e tecnologia de *blockchain* para garantir segurança e descentralização em transações financeiras (TRINDADE, VIEIRA, 2020).

Você já ouviu falar em *Blockchain*?

- () Sim
 () Não

3ª Parte: Perfil do Investidor

3.1 – A renda fixa é uma forma de investimento em que o retorno ou a remuneração são determinados no momento da aplicação, geralmente com base em índices pré-definidos como taxas de juros, índices de preços ou taxas de câmbio. Esse tipo de investimento oferece maior previsibilidade aos investidores em relação aos ganhos esperados, embora possa ser afetado por condições de mercado e políticas econômicas vigentes. (NETO, SANTOS, MELLO, 2019).

Segundo Abreu (2012), investimentos em renda variável estão atrelados a eventos futuros, oferecendo potencial para lucros mais elevados, mas também apresentam riscos substanciais de perda. São considerados instrumentos de renda variável aqueles cujos rendimentos não são fixos ou previsíveis, pois dependem de acontecimentos que ocorrerão posteriormente. O exemplo mais comum desse tipo de investimento são as ações.

Avalie sua concordância ou discordância com cada afirmação com base na escala de discordo totalmente até concordo totalmente.

Você investe a maior parte do seu dinheiro em renda fixa ou renda variável?

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1 - Invisto exclusivamente em renda fixa.					
2 - Invisto principalmente em renda fixa, com pequena exposição à renda variável.					
3 - Tenho um equilíbrio entre					

renda fixa e renda variável.					
4 - Invisto principalmente em renda variável, com pequena exposição à renda fixa.					
5 - Invisto exclusivamente em renda variável.					
6 – Não invisto					

3.2 – Avalie sua concordância ou discordância com cada afirmação com base na escala de discordo totalmente até concordo totalmente.

Qual seu objetivo ao investir?

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1 - Não tenho objetivo definido.					
2 - Manter meu dinheiro seguro e preservar o capital.					
3 - Aumentar lentamente meu capital ao longo do tempo.					
4 - Obter retornos moderados superiores aos de investimentos tradicionais.					
5 - Buscar retornos significativos,					

mesmo com maior risco.					
------------------------	--	--	--	--	--

3.3 – Avalie sua concordância ou discordância com cada afirmação com base na escala de discordo totalmente até concordo totalmente.

Quando você investe, procura aplicar dinheiro a curto, médio ou longo prazo?

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1 - Prefiro investimentos de curto prazo (até 1 até 3 anos).					
2 - Prefiro investimentos de curto prazo, mas considero médio prazo (3 a 5 anos) em algumas situações.					
3 - Equilíbrio entre investimentos de curto e médio prazo.					
4 - Prefiro investimentos de médio prazo, mas considero longo prazo (mais de 5 anos) em algumas situações.					
5 - Prefiro investimentos de longo prazo (mais de 5 anos).					

3.4 - Avalie sua concordância ou discordância com cada afirmação com base na escala de discordo totalmente até concordo totalmente.

Você tem mais afinidade por investimentos que oferecem retornos estáveis e com baixo risco, ou prefere opções mais arriscadas com potencial de retorno maior?

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1 - Prefiro investimentos que oferecem retornos estáveis e com baixo risco.					
2 - Geralmente prefiro investimentos que oferecem retornos estáveis e com baixo risco, mas considero opções mais arriscadas em algumas situações.					
3 - Tenho um equilíbrio entre investimentos que oferecem retornos estáveis e com baixo risco e opções mais arriscadas com potencial de retorno maior.					
4 - Geralmente					

prefiro opções mais arriscadas com potencial de retorno maior, mas considero investimentos estáveis e com baixo risco em algumas situações.					
5 - Prefiro investimentos mais arriscados com potencial de retorno maior.					

3.5 - Avalie sua concordância ou discordância com cada afirmação com base na escala de discordo totalmente até concordo totalmente.

Qual é o seu nível de tolerância ao risco?

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1 - Tenho uma baixa tolerância ao risco e prefiro investimentos seguros e estáveis.					
2 - Geralmente tenho uma baixa tolerância ao risco, mas posso considerar opções moderadamente arriscadas.					
3 - Equilíbrio entre					

investimentos de baixo e moderado risco.					
4 - Geralmente tenho uma alta tolerância ao risco, mas posso considerar opções mais conservadoras em algumas situações.					
5 - Tenho uma alta tolerância ao risco e prefiro investimentos mais arriscados com potencial de retorno maior.					

3.6 - Avalie sua concordância ou discordância com cada afirmação com base na escala de discordo totalmente até concordo totalmente.

Qual é o valor aproximado do seu capital atualmente alocado em investimentos de renda fixa?

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1 - Até R\$ 1.000,00 do meu capital está alocado em investimentos de renda fixa.					
2 - De R\$ 1.001,00 até R\$ 3.000,00 do meu capital está alocado em investimentos de renda fixa.					
3 - De R\$ 3.001,00 até					

R\$ 6.000,00 do meu capital está alocado em investimentos de renda fixa.					
4 - De R\$ 6.001,00 até R\$ 8.000,00 do meu capital está alocado em investimentos de renda fixa.					
5 - Mais de R\$ 8.000,00 do meu capital está alocado em investimentos de renda fixa.					

4ª Parte: Riscos do Mercado de Criptoativos

4.1 - Como você percebe a volatilidade do mercado de criptoativos?

- ☐ Alta volatilidade, representando riscos significativos
- ☐ Moderada volatilidade, com alguns riscos mas também oportunidades
- ☐ Baixa volatilidade, sendo um investimento estável

4.2 - Quais são suas maiores preocupações ao investir em criptomoedas?

- ☐ Segurança nas transações
- ☐ Falta de controle eficaz contra lavagem de dinheiro
- ☐ Alta volatilidade

4.3 - Você acredita que a segurança das plataformas de negociação de criptoativos é um problema significativo?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

4.4 – Você acredita que a regulamentação governamental impacta significativamente o mercado de criptoativos?

- ☐ Sim, regulamentação é crucial para estabilizar o mercado
- ☐ Não, regulamentação pode limitar a inovação no setor
- ☐ Não sei/Não tenho opinião a respeito

4.5 - Como você avalia a transparência e confiança no mercado de criptoativos?

- ☐ Alta transparência e confiança entre os participantes
- ☐ Moderada transparência, com áreas de melhoria necessárias
- ☐ Baixa transparência, com desconfiança generalizada

4.6 - Como você percebe a influência de eventos geopolíticos globais nos preços dos criptoativos?

- ☐ Muito influente, com movimentos significativos de preços
- ☐ Moderadamente influente, mas outros fatores são mais determinantes
- ☐ Pouco influente, não vejo correlação clara

4.7 - Como você avalia a transparência e confiança no mercado de criptoativos?

- ☐ Alta transparência e confiança entre os participantes
- ☐ Moderada transparência, com áreas de melhoria necessárias
- ☐ Baixa transparência, com desconfiança generalizada

4.8 – Você acha importante possuir esse conhecimento em investimentos, tanto de renda fixa, quando de renda variável?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei